



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**ESTUDO LONGITUDINAL DO PROCESSO DE
REDESIGNAÇÃO SEXUAL (M-F): DO EXIBIDO AO
OCULTADO**

Amadeu Vaz Neto

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no Ispa - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Agradeço à Professora Maria Emília Marques pela orientação desta dissertação, mas sobretudo pela forma generosa como partilha a sua arte de pensar o Humano. Muito obrigado pela atenção, pela disponibilidade e pelo afecto.

Agradeço aos meus colegas de seminário pela partilha das suas experiências que tanto contribuíram para a minha formação.

A todos os professores e colegas que me acompanharam neste processo de descoberta.

À minha avó e ao meu avô, as minhas eternas referências. Obrigado pelo vosso carinho e compreensão. É a vocês que dedico este trabalho.

À minha mãe pelo apoio ao longo de todos estes anos.

Às minhas tias, por serem uma inspiração. Obrigado pelo estímulo e pela confiança que sempre depositaram em mim.

A todos, os meus sinceros e honrados agradecimentos.

"... as aras abraçando, a Mãe aflita
"Ó Ísis (diz), ó Deusa, a quem adora
Amon, as mareóticas Campinas,
a grande Faro, e o Rio, que se estende
Em sete altas correntes; Vem benigna
Desterrar meu amor, e dar-me auxílio,
(...)

Aos rogos se seguiram: de repente,
Pareceu-lhes que a Deus estremeceira,
Sacudindo-se o altar; e não erraram,
Porque as portas do Templo ao mesmo ponto
Também tremeram (...)

A Mãe se alegra,
Bem qu'inda não segura, a tais auspícios,
e sai do Templo: a filha qu'a acompanha,
Repara em si, vê que à mãe segue a passos
Mais denodados, e que não conserva
Da subtil pele a acostumada alvura.
Cada vez sente as forças mais crescidas,
E mais áspera a tez do estranho rosto;
De repente o cabelo se lhe encurta
Engrenhado sem arte e finalmente
Vê-se com mais vigor do que antes tinha.
Porém, Ífis, que muito, se perdida
A virgínea figura, és já Mancebo?"

Livro IX, Fábula 16^a. Ífis de virgem mudada em mancebo, Metamorfoses

Resumo

O presente estudo visa contribuir para a compreensão da vivência subjetiva (intra e intersíquica) do sujeito transexual e avaliar o impacto das alterações corporais inerentes ao Processo de Redesignação Sexual. Foram realizadas duas entrevistas, com o espaçamento de um ano entre elas, seguindo o Método de Narrativas de Associação Livre (Hollway & Jefferson, 2000), a um participante do gênero masculino em processo de redesignação para o gênero feminino. A análise das narrativas, orientada pelos postulados teóricos da metodologia proposta, revela que a transformação corporal consiste numa solução defensiva e radical face a um ataque e depreciação da masculinidade do sujeito, levando-o a constituir uma identidade de superfície feminina que recobre a identidade e permite a continuidade psíquica. A transformação corporal ganha sentido na fantasia de um “renascer”, com o propósito de varrer da consciência um passado doloroso e remeter as suas experiências ao esquecimento. A nova “etapa”, retratada e marcada no corpo, inspirada na fuga e no desespero, constitui a derradeira tentativa de proteger um território psíquico na iminência de desaparecer. O corpo torna-se palco de transformações sucessivas que parecem intensificar a estranheza da experiência corporal e gerar uma maior e perigosa desorganização psíquica.

Palavras-chave: Transexualismo; Processo de Redesignação Sexual; Narrativa de Associação Livre; Identidade de Gênero

Abstract

The present study aims to contribute to the understanding of the subjective experience (intra and intersubjective) of the transsexual subject and to evaluate the impact of the corporal changes inherent in the Sexual Reassignment Process. Two interviews were carried out, with the spacing of one year between them, following the Free Association Narratives Method (Hollway & Jefferson, 2000), to a participant of the masculine gender in the process of redesignation to the feminine gender. The analysis of the narratives, guided by the theoretical postulates of the proposed methodology, reveals that the corporal transformation consists in a defensive and radical solution to an attack and depreciation of the masculinity of the subject, leading him to constitute a feminine surface identity that encases the identity and allows for psychic continuity. Corporal transformation makes sense in the fantasy of a "rebirth", with the purpose of wiping from consciousness a painful past and remitting its experiences to oblivion. The new "stage," portrayed and marked in the body, inspired by escape and despair, is the ultimate attempt to protect a psychic territory in the imminence of disappearing. The body becomes the stage of successive transformations that seem to intensify the strangeness of bodily experience and generate a greater and dangerous psychic disorganization.

Keywords: Transsexualism; Sexual Reassignment Process; Free Association Narratives; Gender Identity

Índice

Introdução	1
1. Transexualismo.....	5
1.1. O Transexualismo no Modelo Médico	5
1.2. Transexualismo na Perspectiva Dinâmica.....	9
2. Método.....	19
2.1. Tipo de estudo	19
2.2. Instrumento	20
2.3. Participante	21
2.4. Procedimento de recolha	22
2.5. Procedimento de análise	22
3. Apresentação e Análise dos Dados.....	23
3.1. Análise dos dados das entrevistas.....	23
3.1.1. José Maria, 38 anos - Momento 1.....	23
3.1.2. Maria José, 39 anos - Momento 2.....	27
4. Análise dos grandes temas.....	32
4.1. Identidade	32
4.2. Transposição masculino-feminino.....	35
4.3. Morte	36
5. Discussão	38
6. Conclusão	41
Referências	43
Anexos.....	46
Anexo A - Transcrição da Entrevista de José Maria	47
Anexo B - Transcrição da Entrevista de Maria José	59

Introdução

Em 1923, Magnus Hirschfeld, um sexólogo alemão, utilizou a expressão "*seelischer transsexualism*" (transexualismo psíquico) referindo-se a sujeitos intersexuais (Chiland, 2005). O termo "*transsexual*" surge mais tarde nos controversos estudos de Kinsey, com a publicação do livro *Sexual Behavior in the Human Male* (Kinsey, Pomeroy & Martin, 1948), a propósito da célebre escala de Kinsey, para designar um conjunto de sujeitos de orientação homossexual considerados como sendo de sexo intermédio. No ano seguinte, David Cauldwell escreveu um artigo intitulado "*Psychopathia transsexualis*" onde descrevia um caso clínico que correspondia à atual concepção de transexualismo feminino. No mesmo ano, a pedido de Alfred Kinsey, Harry Benjamin conheceu um jovem rapaz que expressava um desejo intenso de se transformar numa mulher e apercebeu-se que o caso representava uma condição distinta do travestismo. O termo transexualismo foi adquirindo uma progressiva especificidade e foi popularizado principalmente através da publicação, em 1966, da que é talvez a mais importante obra de Harry Benjamin, o livro "*The transsexual phenomenon*".

Neste livro, Benjamin apresenta a escala intitulada "*Sex Orientation Scale, Sex and Gender Disorientation and Indecision (males)*", a sua tentativa de classificar e compreender as diversas formas e subtipos de transexualismo em sujeitos do sexo masculino, dispendo num *continuum* três categorias de travestis e três categorias de transexuais, tentando constituir um instrumento útil do ponto de vista clínico, essencialmente na tomada de decisão quanto à necessidade de tratamento hormonal e/ou cirúrgico, únicas formas de tratamento propostas por Benjamin, endocrinologista e sexólogo de formação, que se opunha a qualquer forma de tratamento psicoterapêutico (Benjamin, 1966). O seu paciente mais famoso foi George Jorgenson, cidadão norte-americano, que após ter prestado serviço militar por altura da segunda guerra mundial, viajou para a Europa e submeteu-se a diversas intervenções cirúrgicas, tendo posteriormente adoptado o nome de Christine Jorgenson. Apesar dos mesmos procedimentos terem já sido usados em outros pacientes, por força dos *media*, Christine tornou-se instantaneamente uma celebridade e uma voz ativa pelos direitos dos transexuais. Nesse mesmo ano, Christian Hamburger, um dos cirurgiões de Christine Jorgenson, recebeu 465 cartas de pessoas que se reviam na história de Christine e requeriam o mesmo tratamento (Chiland, 2005). O caso de Christine, pela visibilidade que adquiriu e tendo sido considerado um caso de sucesso veio reforçar a compreensão, que se conserva nos dias de hoje e porventura se vê até fortalecida

particularmente no contexto médico, que as transformações corporais por via de intervenções cirúrgicas e terapias hormonais são a resposta terapêutica mais adequada.

Se os mitos são “*vestígios distorcidos de fantasias plenas de desejos de nações inteiras, os sonhos seculares da humanidade jovem*” (Freud, 1907/1996b), um olhar sobre a mitologia, pensada enquanto jogo projetivo entre o céu e a terra, cedo nos mostra que as fantasias de mudança de sexo desde sempre fizeram parte da dinâmica psíquica colectiva. Pense-se no mais célebre adivinho tebano Tirésias, filho de Everes e da ninfa Cariclo, transformado em mulher como forma de punição, quando ao deparar-se com duas cobras copulando no cume de uma montanha as separa matando a fêmea. Sete anos depois, já adaptado à sua nova condição, ao subir o monte Citorão encontra novamente duas cobras. Desta vez, separa-as matando o macho, conseguindo reaver a sua forma original. Por ter experimentado tanto o prazer masculino como o feminino, Tirésias é chamado à discussão de Zeus e Hera sobre se é o homem ou a mulher quem teria mais prazer na relação sexual. Hera afirmava que era o homem, Zeus por sua vez defendia que era a mulher. O profeta decidiu: "se dividirmos o prazer em dez partes, a mulher fica com nove e o homem com uma". Hera, irada por ter saído derrotada e por perceber que o prazer feminino dependia do homem, cegou Tirésias, mas Zeus, compadecido com a sua situação, concedeu-lhe o dom da profecia (Pinheiro, 2011).

Recordamos Hermafrodite, filho de Afrodite e Hermes, que representa a fusão dos dois sexos. Segundo o mito, a ninfa Salmacis tomada de luxúria diante da desmedida beleza de Hermafrodito, terá aguardado que este entrasse no lago para mergulhar e a ele se entrelaçar invocando aos Deuses para os unirem para sempre. O seu desejo foi concedido e os seus corpos misturaram-se numa forma intersexual. Hermafrodito, atormentado e envergonhado, fez o seu próprio voto pedindo que todos os que naquele lago se banhassem fossem, tal como ele, amaldiçoados (Pinheiro, 2011).

Convocamos também o mito de Cenis que recusando-se a ter um filho de Poseidon e após ter sido violada por este, na defesa contra um novo trauma, pediu que Poseidon o transformasse num homem (Ceneus), para que assim se tornasse impenetrável - fisicamente - e invulnerável - psiquicamente (Lopes, 2017). Ao contrário de Cenis que até à idade adulta vivia enquanto mulher, um outro mito contado por Ovídio em *metamorfoses* dá-nos a conhecer a história de Ífis (nome grego, ambíguo quanto ao sexo), que apesar de ter nascido mulher foi criada pela sua mãe (Teletusa) como homem para assim agradar ao desejo do seu pai (Ligdus) e ser

poupada à morte. Aos treze anos, Ligdus apresentou a Ífis a sua futura noiva, Iante. Ífis e Iante apaixonaram-se e em belos versos Ovídio descreve o amor e desespero de Ífis:

*"e a custo contendo as lágrimas 'que saída me resta', diz
tomada por cuidados de novo amor, tão desconhecidos
de todos quão prodigiosos? Se me quisessem os Deuses poupar,
poupar deveram; se não, e perder quisessem,
fora ao menos mal conforme à natureza e ao costume.
nem vaca por vaca, nem éguas ardem de amor por éguas:
arde ovelha por carneiro, segue sua fêmea o cervo."*

Livro IX, Fábula 16^a. Ífis de virgem mudada em mancebo, Metamorfoses

Iante sem conhecer a condição de Ífis ansiava pelo casamento. Já sem forma de o protetlar, Teletusa levou Ífis ao templo de Ísis e pediu que esta a transformasse num homem.

Pensamos que a análise dos mitos vem espelhar um fenómeno imaginário implícito, onde masculino e o feminino se fundem, rivalizam, se transformam e se substituem simbolicamente.

Existem igualmente registos que atestam as vicissitudes e embaraços vividos por personalidades históricas. Recordamos o caso do Papa João VIII que após três anos de papado foi brutalmente assassinado por outros elementos da igreja católica quando descobriram que este era, na verdade, uma mulher, ficando conhecida como a Papisa Joana, ou o de Ricardo III de França que queria ser tratado enquanto mulher e que frequentemente se apresentava usando roupas femininas. Destacamos também a história do Cavaleiro d'Eon, amante do rei Luís XV de França e rival da Madame de Pompadour, que terá vivido 49 anos como homem e 34 como mulher (Green, 1998).

A prática de terapêuticas hormonais e de cirurgias de redesignação sexual são o que distingue o fenómeno do transexualismo contemporâneo da situação que prevalece em outras culturas onde a experiência de rejeição do próprio sexo é semelhante, contudo a resposta da sociedade é distinta. A evolução do conhecimento científico e médico, especialmente no que diz respeito à endocrinologia e cirurgia plástica permitiu uma transformação que em outros lugares e no passado se pensava, até recentemente, inatingível (Chiland, 2005).

No oriente, mais propriamente na Índia, encontramos as *Hijras*, uma comunidade religiosa que venera a deusa hindu *Bahuchara Mata*. O mito mais proeminente em torno da deusa conta que a mesma pertencia à casta *Charan* e que um dia, durante uma viagem com as suas irmãs, um saqueador, *Bapiya*, terá atacado a sua caravana. Como retaliação *Bahuchara Mata* amaldiçoou *Bapiya* tornando-o impotente, e de acordo com o mito, imolou-se e retirou os seus próprios seios (Kanodia, 2016). Sendo considerado em parte uma casta e em parte um culto, as Hyras são uma comunidade com uma longa história e composta quase exclusivamente por homens - existem algumas mulheres - que se submeteram à remoção dos órgãos genitais podendo, de acordo com a terminologia médica ocidental atual, ser considerados transexuais (M-F). A emasculação é realizada por membros seniores (a cirurgia não é permitida de acordo com a lei Indiana) e confere uma condição superior dentro da comunidade. Tradicionalmente vestem-se e vivem como mulheres, tendo renunciado à sua fertilidade e sexualidade acreditando que *Bahuchara Mata* lhes atribui o poder de bem-fadar, mas também amaldiçoar, casamentos e crianças, pelo que são paradoxalmente, desejadas e temidas (Dutta, 2012).

Existem várias tribos de índios no continente americano que tentam formular uma compreensão sobre o fenómeno do transexualismo. Uma das tribos mais conhecidas são os Yuman que acreditam que por altura da puberdade, alguns rapazes sonhariam ser mulheres e por isso passariam a adoptar uma postura condizente como resultado de uma mudança de espírito. Designados por *elxa*, estes indivíduos assumem perante a tribo as funções reservadas ao sexo oposto e abandonam definitivamente as anteriores (Green, 1988). Ainda no continente americano, entre os Yuman que vivem na Sierra da Estrella, acredita-se que a montanha terá o poder de transformar o sexo dos meninos, os *Berdache*, grupo constituído essencialmente por homens que vivem como mulheres e vestem trajes femininos ou de algum modo distintos. Ocupam um papel influente e de prestígio no grupo, dedicando-se ao xamanismo (Chiland, 2005). O transexualismo está presente em outras tribos como nos Cocopa, Mojave, Jukis e Pueblo, repetindo-se em tribos siberianas, africanas e brasileiras (Green, 1988).

O transexualismo desafia de forma radical as noções de identidade e diferença sexual, de normalidade e patologia. Nas últimas décadas, sobretudo devido à mediatização de alguns casos particulares, o fenómeno tem alcançado uma crescente visibilidade e gerado um forte envolvimento da opinião pública.

Entre os apelos repressores dos mais conservadores e as exigências das associações pelos direitos legais e civis dos transexuais, assistimos atualmente, sobretudo na Europa, a

progressivas alterações na legislação destes países no sentido de simplificar os procedimentos legais para a alteração da menção do sexo e nome no registo civil, bem como o acesso a tratamentos farmacológicos e intervenções cirúrgicas com vista à redesignação sexual.

A forma como os transexuais se definem e são definidos transformou-se totalmente. O desenvolvimento e difusão de novas técnicas e novas possibilidades médico-cirúrgicas surge lado a lado com um novo discurso médico.

A atual designação de disforia de género, proposta pelo último Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-V), é uma classificação diagnóstica relativamente recente que veio substituir a denominação anterior de perturbação da identidade de género, tendo esta última se sobreposto ao termo transexualismo. A mesma tendência de despatologização é seguida pela Classificação Internacional de Doenças, elaborada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que, na sua 10ª edição (CID-10) fazia referência à perturbação da identidade de género, incluindo-a na categoria de saúde mental, optou na sua última publicação (CID-11) por a substituir por Incongruência de género, passando esta classificação a integrar uma nova categoria dedicada às disfunções sexuais. A OMS refere que a atual compreensão relativamente à incongruência de género permite retirá-la da categoria das perturbações mentais, optando por a manter na sua última edição apenas com o objectivo de facilitar o acesso aos cuidados de saúde por parte dos que deles possam carecer. Este é um processo que relembra o processo da despatologização da homossexualidade cuja referência enquanto perturbação mental foi retirada do DSM em 1973, optando-se por manter o termo "homossexualidade egodistónica" até 1986, sendo este posteriormente retirado.

Apesar das tentativas de explorar o transexualismo, as explicações teóricas avançadas tanto de cariz biológico como psicológico, permanecem parciais e inconclusivas. O desenvolvimento e aperfeiçoamento de técnicas cirúrgicas com vista à redesignação sexual fez surgir um novo debate: enquanto uns defendem que tal intervenção permite obter um alívio significativo da angústia que acomete os sujeitos transexuais, outros, que promovem a intervenção psicológica, argumentam que as intervenções cirúrgicas apenas contornam o problema, fazendo com que o indivíduo sofra uma mutilação irreversível para alcançar um resultado aquém de satisfatório.

1. Transexualismo

1.1. O Transexualismo no Modelo Médico

A referência ao transexualismo no último Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (DSM-V) é feita através da designação de Disforia de Género. De acordo com o manual, a disforia de género refere-se ao descontentamento afectivo/cognitivo de um indivíduo com o seu género que acompanha a incongruência vivida entre o género experimentado ou expresso e o género designado ou "género de nascimento", isto é, a designação inicial enquanto homem ou mulher. O termo transgénero (traduzido do inglês *transgender*) refere-se ao amplo espectro de indivíduos que de forma transitória ou persistente, se identificam com um género diferente do de nascimento. Entre os transgéneros, existem os transexuais, indivíduos que passam por uma transição social de masculino para feminino (M-F) ou de feminino para masculino (F-M), o que, muito frequentemente, implica uma transformação somática por via de tratamentos hormonais e cirurgia genital (cirurgia de redesignação sexual) (DSM-V).

O diagnóstico da disforia de género é realizado em adolescentes e adultos na observância dos seguintes critérios:

A) Incongruência acentuada entre o género experimentado/expresso e o género designado com uma duração de pelo menos seis meses, manifestada por no mínimo dois dos seguintes critérios:

1. Incongruência acentuada entre o género experimentado/expresso e as características sexuais primárias e/ou secundárias (ou, em adolescentes jovens, as características sexuais secundárias previstas);
2. Forte desejo de livrar-se das próprias características sexuais primárias e/ou secundárias em razão de incongruência acentuada com o género experimentado/expresso (ou, em adolescentes jovens, desejo de impedir o desenvolvimento das características sexuais secundárias previstas);
3. Forte desejo pelas características sexuais primárias e/ou secundárias do outro género;
4. Forte desejo de pertencer ao outro género (ou a algum género alternativo diferente do designado);
5. Forte desejo de ser tratado como o outro género (ou como algum género alternativo diferente do designado);
6. Forte convicção de ter os sentimentos e reações típicos do outro género (ou de algum género alternativo diferente do designado);

B) A condição está associada a sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social, profissional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo.

Conforme o DSM-V, para se proceder ao diagnóstico diferencial da disforia de gênero é necessário excluir a simples não conformidade do sujeito com os papéis de gênero, ou seja, garantir que o desejo de pertencer a outro gênero não seja função de uma possível vantagem cultural; distinguir a disforia de gênero do travestismo, condição que se caracteriza por comportamentos de cross-dressing associados a excitação sexual mas que não põe em causa o gênero designado ou primário; verificar se o sujeito não apresenta uma perturbação dismórfica corporal (designada no passado por dismorfofobia) caracterizada pelo desejo de alterar ou remover uma parte específica do corpo pelo facto de esta ser percebida como anormalmente formada e não por repúdio ao gênero designado; e descartar uma possível esquizofrenia ou outra perturbação de linha psicótica.

No que diz respeito à prevalência do transexualismo, para indivíduos do sexo masculino, esta varia entre 0,005 e 0,014%; para indivíduos do sexo feminino, varia de 0,002 a 0,003%. É consensual que estes dados estão subestimados uma vez que nem todos os indivíduos que se submetem a um tratamento hormonal ou a cirurgias de redesignação sexual o fazem em clínicas especializadas. A disforia de gênero é diagnosticada mais frequentemente em crianças do sexo masculino que no sexo feminino, numa proporção que varia de 2:1 a 4,5:1. A mesma tendência é observada nos adultos, grupo no qual a prevalência da disforia de gênero varia na varia de 1:1 a 6,1:1.

O transexualismo representa um fenómeno complexo que tem suscitado o interesse de vários investigadores principalmente no âmbito da biologia e psicologia. Apresentamos de seguida algumas das teorizações mais preeminentes.

Na última década, o interesse pelo cérebro atingiu um tom febril e as questões que no passado eram pensadas enquanto temas da psique são frequentemente atribuídas à bioquímica cerebral. Diversos investigadores na área da biologia e das neurociências têm procurado compreender de que forma ocorre a diferenciação sexual e como os cérebros masculino e feminino seguem vias de desenvolvimento distintas ainda no período intrauterino. Bao e Swaab (2011) sugerem que a masculinização do cérebro ocorre ainda durante a vida intrauterina devido à exposição a níveis de testosterona mais elevados face aos níveis a que usualmente estão submetidos os cérebros femininos. Segundo os mesmos autores, a diferenciação sexual cerebral ocorre num estágio

muito mais tardio que a diferenciação dos genitais, propondo que estes processos possam ser influenciados e desenvolver-se de forma independente e por isso discrepante, tornando-se possível que um bebé apresente uma genitália masculina e um cérebro não masculinizado e vice-versa. Bao e Swaab (2011) argumentam que "as diferenças sexuais na cognição, a identidade de género (...) e a orientação sexual" estão programadas no nosso cérebro durante o desenvolvimento inicial e que "não há evidências que o ambiente social pós-natal desempenhe um papel crucial na identidade de género ou orientação sexual". Arnold *et al.* (2004) compreendem o processo de diferenciação sexual como sendo mais complexo e multideterminado afirmando que estudos mais recentes sugerem que as células cerebrais que diferem no seu sexo genético não são equivalentes e que essas diferenças poderão contribuir para as discrepâncias encontradas entre sexos em algumas funções cerebrais. A pesquisa destes investigadores incide sobretudo no efeito dos cromossomas sexuais das células neuronais na diferenciação sexual antes da exposição destas às hormonas produzidas ao nível das gónadas. À semelhança de Bao e Swaab (2001) nenhum papel é atribuído ao ambiente social no processo de diferenciação sexual e ambos são mudos sobre a questão de um senso de self sexual ou de género.

Gooren (2006) refere que a androgenização pré-natal parece predispor ao desenvolvimento de uma identidade de género masculina mas não decisivamente, uma vez que cerca de 40% a 50% de crianças intersexuais com cromossomas sexuais XY não desenvolvem uma identidade de género masculina. Gooren (2006) afirma que não existem evidências que nos devam fazer suspeitar que transexuais (M-F) enquanto fetos não tenham sido expostos a níveis de testosterona normais e apesar disso estes desenvolveram uma identidade de género feminina. O autor cita estudos mais recentes que sugerem que a exposição pré-natal a elevados níveis de andrógenos em mulheres está associada à masculinização dos seus comportamentos no futuro mas não conduz a uma situação de confusão de género, concluindo que cromossomas e gónadas *per se* não são determinantes na constituição da identidade de género e que "estamos longe de compreender como a identidade de género e a orientação sexual se definem na espécie humana".

Partilhando a perspectiva de Bao e Swaab (2011), Panksepp e Biven (2012) referem que o cérebro e os genitais prosseguem linhas de desenvolvimento e diferenciação distintas e acrescentam que as hormonas sexuais que determinam a organização específica do cérebro durante o desenvolvimento pré-natal são diferentes das que conduzem à diferenciação genital.

Assim, propõem que possíveis variações químicas em ambos os processos de desenvolvimento sejam o fundamento biológico para o transexualismo. Sem quaisquer evidências sugerem que o stresse materno durante a gravidez, alguns tratamentos médicos ou possíveis toxinas ambientais possam explicar como um bebé pode nascer com o cérebro masculinizado e genitália feminina e vice-versa. Apesar de defenderem que uma variação hormonal poderá estar na base da diferenciação sexual cerebral e genital em sentidos opostos também reconhecem que provavelmente esta variação não explicará todos os casos de transexualismo. Em suma, ainda que aleguem que a identidade de género seja determinada biologicamente também afirmam que existe atualmente pouca compreensão sobre as causas neurocientíficas que fundamentem as variações da sexualidade humana.

1.2. Transexualismo na Perspectiva Dinâmica

A origem do transexualismo permanece desconhecida, contudo existem inúmeros trabalhos publicados e algumas formulações teóricas que procuram lançar alguma luz sobre a sua etiologia.

A compreensão atual quanto à etiologia do transexualismo compreende fundamentalmente duas hipóteses: a hipótese não-conflitual e a hipótese conflitual. De forma sucinta, podemos referir que enquanto a hipótese não-conflitual defende que o transexualismo resulta da perpetuação de uma relação precoce específica e é a expressão do verdadeiro Self do sujeito, a hipótese conflitual abrange um leque de perspectivas muito distintas que em comum consideram que o desejo de redesignação sexual corresponde a uma formação de compromisso patológica (Meyer, 1982).

Freud nunca abordou diretamente o transexualismo, termo que no início do século XX não existia enquanto quadro clínico estabelecido, mas forneceu pressupostos teóricos que se revelaram importantes na compreensão do fenómeno. Referimo-nos a um dos fundamentos basilares da teoria psicanalítica, a bissexualidade psíquica.

Freud considerava que a bissexualidade psíquica era um elemento constitutivo e fundamental da psique humana. Extensamente discutida por Freud em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), a bissexualidade psíquica, condição universal e inata de todos os seres humanos explica que, "tanto em homens quanto em mulheres, são encontrados, igualmente, impulsos instintivos masculinos e femininos, e que cada um deles pode, da mesma forma, sofrer

repressão e se tornar inconsciente". A propósito do conflito de edipiano, Freud refere que em ambos os sexos, "a relativa força das disposições masculinas e femininas é o que determina se o resultado da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe", definindo o grau de masculinidade e feminilidade do indivíduo. David (1975), eleva as considerações de Freud sobre a bissexualidade psíquica reportando-se ao nível intra e intersíquico na organização da psicosexualidade, referindo que a bissexualidade reenvia para uma ambiguidade psíquica que implica a integração da bissexualidade pessoal correlativa da capacidade do sujeito se identificar ao diferente do Eu, ao outro sexo, e de se identificar a uma sexualidade e psicosexualidade diferente da própria. Chabert (2015) refere que a bissexualidade psíquica, em sua potencialidade, deve ser vista não como uma confusão de sexos, mas como a coexistência de dois no psiquismo – masculino e feminino, em suas configurações singulares ou plurais. Ainda no que diz respeito à relação masculino-feminino, de acordo com Marques (2002), refletimos sobre o alargamento dessa relação a uma dimensão de complementaridade na compreensão da função mediadora que possibilita a integração do feminino e do masculino.

Em "A feminilidade" (1933 cit. por Afonso, 2007), Freud considera que ser homem e masculino são as qualidades naturalmente valorizadas e que, pelo contrário, ser mulher e feminina, seria vivido como desvalorizador. Apesar de reconhecer a sua importância Freud não assume uma posição definitiva em relação à questão da bissexualidade, as suas reservas estariam relacionadas com a sua origem biológica, base da determinação do conflito, que não explicava porque é que em indivíduos dos dois sexos existem pulsões masculinas e femininas, podendo ambas ser recalçadas, independentemente do sexo biológico.

Freud defendia que o desenvolvimento normal da masculinidade por parte do menino se encontrava facilitado, desde logo porque sendo a mãe o primeiro objeto de amor, a sua relação primitiva é de natureza heterossexual, mas também devido à presença de genitais visíveis, uma identidade sexual inequívoca, que o faria mais livre de conflitos. Por volta dos 3 a 5 anos, sob o efeito da ameaça de castração suscitada pelo pai, o menino deslocaria o desejo pela mãe tomando o pai como modelo de identificação, permitindo-o alcançar a genitalidade, enquanto masculino e heterossexual (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002).

De acordo com a proposta Freudiana, a feminilidade resultaria de um longo e intrincado processo. A ausência de um pénis despoletaria na menina uma inveja, cuja forma como a mesma é manejada determinaria a sua identidade. Em excesso, poderia conduzir ao desenvolvimento

de qualidades masculinas, ou à obtenção de um pénis por via da fantasia. Poderia sentir-se inferiorizada e passiva. Ainda assim, se prosseguisse numa de linha desenvolvimento salutar, voltar-se-ia para o pai e teria o desejo de ter um bebé, orientando-se heterossexualmente. Precisaria ainda de perdoar o pai por este a obrigar a adiar o bebé, e identificar-se-ia com a mãe, tornando-se feminina. Assim, na perspectiva clássica do desenvolvimento, masculino e feminino são percebidos através das posições ativo/passivo, fálico/castrado (Afonso, 2007).

Robert Stoller veio, como veremos, questionar algumas das concepções propostas por Freud. Um dos seus principais contributos para a psicanálise está relacionado com a introdução do conceito de género e a sua demarcação do termo sexo. Stoller, veio distinguir a identidade de género, " *a mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade como a feminilidade são encontradas em todas pessoas mas em formas e graus diferentes*", da qualidade de se ser homem ou mulher definida biologicamente, o sexo. Stoller atribuía à identidade de género uma génese psicológica, sendo esta formada por uma massa de convicções constituídas a partir de atitudes parentais e elementos culturais, que ainda que seja frequentemente congruente com a qualidade biológica da pessoa, pode apresentar uma tendência inversa ou mesmo uma inversão nos casos de homens e mulheres que vivem de modo oposto ao do seu sexo. É portanto com Stoller que fica estabelecida a dicotomia entre o sexo, fixo e binário, ligado ao corpo e à biologia, e o género, associado à psique, à cultura e às atitudes. Factores biológicos, a influência das atitudes parentais, em particular a da mãe relativamente ao sexo do seu bebé, as interpretações destas atitudes por parte do mesmo e outros aspectos relacionados com o manejo do bebé no período inicial, conduzem à constituição da identidade de género nuclear, a convicção de que a designação do sexo do sujeito é, ou não, harmoniosa, em termos anatómicos e psicológicos. Esta identidade de género nuclear, constituída precocemente por volta três anos de idade e já inalterável por volta dos cinco ou seis anos será a base que norteará as relações do sujeito com o mundo externo (Stoller, 1975).

Discordando de Freud que afirmava a respeito do desenvolvimento psicosexual infantil, que o menino teria o seu caminho para a masculinidade facilitado, tendo em conta que a sua primeira relação objetal seria de natureza heterossexual, Stoller (1975) aborda um período do desenvolvimento que precede a relação objetal, uma fase na qual existe um contacto simbiótico entre a mãe e o bebé que, segundo o autor, conduz a um *imprinting* de feminilidade, uma *proto-feminilidade* comum a todas as crianças, independentemente do seu sexo biológico. Segundo Stoller, no caso da menina, apesar do potencial homossexual da relação precoce, o percurso

parece oferecer menos riscos, uma vez que esta identifica-se desde o nascimento com alguém do mesmo sexo, ao passo que põe o menino em risco de apresentar, em termos da sua identidade de género nuclear, um sentido de unidade com a mãe, que dependendo do modo e da intensidade com que a mãe permite que o filho se separe, poderá deixar efeitos residuais expressos através de uma masculinidade fragilizada.

Stoller (1975) é um dos teóricos que defende a hipótese não-conflitual para a etiologia do transexualismo, afirmando que o vê como uma identidade *per se*, "não primariamente como sendo a manifestação aparente de uma luta inconsciente para preservar a identidade", uma vez que "não há evidências que essas crianças tenham sido traumatizadas durante a simbiose ou sujeitas a frustrações capazes de gerar conflito intrapsíquico". Ao contrário do que observa nas perversões, o transexualismo é a expressão do verdadeiro Self do paciente.

No seu contacto com transexuais masculinos, Stoller, indagando sobre as relações precoces dos seus pacientes, observou um conjunto de invariantes, referindo-se à existência de uma dinâmica familiar específica favorecedora do transexualismo. Stoller (1975) verificou que as mães dos seus pacientes tiveram elas próprias uma mãe fria, pouco feminina e severa. Nestas condições, os pais, vulgarmente homens afetuosos, tornam-se objetos privilegiados nos processos de identificação, ocorrendo uma identificação positiva ao paterno, visível no interesse das meninas por atividades classicamente atribuídas aos homens. Tudo se altera com a entrada na puberdade e as correlativas transformações corporais que impõem a sua adaptação à condição de mulher, tornando-se cronicamente deprimidas, apresentando uma intensa inveja do pénis e um desejo de se tornarem homens apenas parcialmente suprimido.

Estas mulheres tendem a casar com homens que, não sendo femininos, são suficientemente passivos e distantes, o que anuncia antecipadamente a sua incompetência enquanto pais e maridos. Durante a gravidez, as fantasias das mães de transexuais sobre as suas próprias transformações sexuais na latência são reacesas, ficando o bebé, futuro transexual, fadado a servir de tesouro, tornando-se o "falus feminilizado" da sua mãe. A mãe, como forma de se proteger da depressão, inaugura uma relação simbiótica infindável, excessivamente próxima e feliz, na medida em que garante a satisfação de todos os desejos do seu bebé, em especial o de permanecer como parte do seu corpo, resultando numa alteração profunda do seu ego corporal. Stoller refere que as mães de sujeitos transexuais não só os desencorajam de comportamentos masculinos e bloqueiam o caminho para a identificação ao paterno, como impedem o que Greenson designa por desidentificação, através da qual o bebé poderia isentar-se do excesso de

identificações femininas. Na ausência do pai, que teria o papel fundamental de interromper o êxtase crônico e debilitante da relação entre a mãe e o bebê, este continuará a ser inundado pela feminilidade materna, mantendo-se alheio e imune ao conflito edipiano, que só poderá ser vivenciado se terapêuticamente induzido através de uma poderosa e sistemática intervenção psicológica, onde o terapeuta se substituirá ao objeto paterno e promoverá movimentos identificatórios da criança a si próprio.

Stoller (1993) propõe a diferenciação do transexualismo em duas vertentes distintas: o transexualismo primário e o transexualismo secundário. Os transexuais primários são homens anatômica e fisiologicamente normais, dotados de uma natural aparência feminina. As suas histórias indicam que terão sido muito femininos em toda a sua vida, sem episódios de masculinidade, ou mesmo comprometimentos transitórios com papéis tipicamente masculinos. Desde tenra idade queriam vestir-se e viver exclusivamente como mulheres. O período pubertário é vivido com intensa angústia uma vez que as transformações corporais denunciam o sexo biológico do sujeito e confrontam-no com exigências sociais que há muito recusa. É geralmente este o momento em que, tomando conhecimento dos procedimentos de redesignação sexual, os procuram obstinadamente. Em geral não têm vida sexual ativa devido ao constrangimento que sentem em relação aos seus genitais. São a esses transexuais que Stoller se refere quando delimitou a configuração familiar acima descrita. A classificação de transexualismo secundário diz respeito a um conjunto mais diversificado de indivíduos. Neste caso, o comportamento característico do sexo oposto não surge no início da infância, mas frequentemente após um período mais ou menos longo de homossexualidade e/ou travestismo, no qual o indivíduo aceitou, de forma parcial ou total, o seu sexo biológico. De acordo com esta classificação, entre os transexuais secundários, existem também indivíduos sem histórico de envolvimento em atividades homossexuais ou de travestismo, que mais tarde desenvolveram o desejo de pertencer ao sexo oposto e se submeteram ao processo de mudança de sexo. O comportamento dos transexuais secundários masculinos é geralmente pontuado com episódios de comportamento masculino dito comum e permeado de experiências de prazer com os genitais. De acordo com Stoller, apenas os transexuais primários, considerados pelo autor como os verdadeiros transexuais teriam indicação para a cirurgia de redesignação sexual.

As teorizações de Stoller foram alvo de diversas críticas. Meyer (1982) refere que a maioria dos pacientes não reúne os critérios definidos por Stoller para que possam ser considerados verdadeiros transexuais. Mesmo os que numa análise preliminar aparentam reunir os referidos

critérios, são posteriormente excluídos pela expressão de sintomatologia perversa, demonstração de ambivalência e conflito no que diz respeito à sua identidade de género, pela ausência de uma história de simbiose patológica, ou pela falta de condições para que se institua a simbiose proposta por Stoller, por exemplo, crianças que receberam cuidados de múltiplas baby-sitters. Na verdade, são o abandono, a negligência e o abuso psicológico, mais do que uma particular simbiose mãe-bebé, que marcam as histórias dos transexuais (Harrison & Cain, 1968; Meyer, 1974; Walinder & Thuwe, 1975 cit. por Meyer, 1982). As suas experiências no seio da família nuclear variam desde o caos à aparente estabilidade, o que se encontra altamente correlacionado com o grau de impulsividade e perturbação encontrados na vida dos pacientes (Meyer, 1982). Meyer (1982) que se opõe à perspectiva não-conflitual proposta por Stoller, refere que, é expectável que uma criança com uma identificação tão intensa ao feminino, ligada à mãe numa relação simbiótica, e que possui um pénis possa, sob o impacto de intensos impulsos libidinais e agressivos, apresentar uma fase edipiana peculiar e problemática, ou ser forçada a mobilizar medidas defensivas extraordinárias.

Outra fragilidade apontada à perspectiva stolleriana, está relacionada com o facto de que a convicção da existência de uma simbiose característica na relação mãe-bebé em sujeitos transexuais, bem como os seus efeitos, decorrem da reconstrução das histórias dos sujeitos. Como em qualquer reconstrução, existe a possibilidade de erros. De acordo com Mahler (1972), as reconstruções dedutivas são extremamente arriscadas, e as histórias, tanto das mães como das crianças, contêm provavelmente memórias ecrã, formações defensivas e concretização de desejos.

Há concordância geral de que a constituição da identidade de género é uma aquisição do processo de separação-individuação proposto por Mahler que culmina na constância objetal (Mahler, 1972; Meyer, 1982; Chiland, 2005; Stoller, 1975; Argentieri, 2009; Oppenheimer, 1991). Stoller (1975) defende que a passagem pelo processo de separação-individuação ocorreria no menino transexual de forma normal, à exceção da parte identitária relativa à identidade de género. Stoller (1975) notou que os meninos transexuais não são femininos do mesmo modo que as meninas e que a sua feminilidade estaria expressa sobretudo ao nível dos aspetos mais externos - roupas, cabelos e adornos. Meyer (1982) interpreta esta superficialidade como sendo o reflexo de uma dificuldade na relação com os objetos externos e o carácter defensivo, em vez de genuíno, da identificação ao feminino (Meyer, 1982), enquanto que

Argentieri (2009) refere-se a uma pseudoidentidade feminina gratificante na medida em que retira prazer da relação com o masculino.

A hipótese conflitual para a etiologia do transexualismo é constituída por uma disparidade de pontos de vista que o associam a diferentes patologias: alguns associam o transexualismo às psicoses (Socarides, 1970), outros veem-no como um precursor do travestismo ou da homossexualidade (Limentani, 1979), alguns sublinham as semelhanças com as perversões (Meyer, 1982; Argentieri, 2009), outros referem-se ao transexualismo como uma perturbação narcísica (Chiland, 2005; Oppenheimer, 1991) e outros ainda enquanto perturbação borderline (Green, 1987).

Socarides (1970) inscreve o transexualismo num "profundo conflito inconsciente originado no primeiros anos de vida" associado a um desejo pré-edípiano de fusão ao objeto materno. Influenciado por Freud e pela sua interpretação do caso do presidente Schreber, o autor refere que o transexualismo é evidente em indivíduos homossexuais que na tentativa de resolver os seus conflitos emocionais prendem-se à ideia de mudar de sexo, para se poderem envolver livremente em atividades homossexuais poupando-se a ansiedades paranoides.

Limentani (1979) sugere que o transexualismo se desenvolve no contexto da profunda perturbação inicial da formação do símbolo consequência da fantasia da fusão mãe-bebé, sendo a perturbação reforçada por influências paternas intrusivas ou ausentes. Assim, o transexualismo seria uma manobra defensiva contra ansiedades de separação particularmente ameaçadoras, muito além da ansiedade relacionada à preservação física do corpo. Limentani (1979), notando as semelhanças entre o transexualismo e a homossexualidade, designadamente a inveja e sentimentos de competitividade com a mãe, menor nos transexuais comparativamente com os homossexuais, propõe que o transexualismo seja, em alguns casos, um precursor do travestismo e da homossexualidade. Ao contrário de Stoller (1975), que não encontrou manifestações de vivência de ansiedade de castração ou sentimentos incestuosos no transexual, em parte devido à ausência física e psicológica da figura paterna, Limentani (1979) afirma que essas manifestações estão presentes nos pacientes transexuais ainda que de forma menos intensa.

Meyer (1982) refere que o pedido de redesignação sexual constitui uma "formação de compromisso sintomática com funções defensivas e expressivas", resultado de uma alteração do ego corporal com origem num processo de separação-individuação peculiar. De acordo com

o autor a criança existiria na fantasia materna como forma de reparar a sua própria imagem corporal acometida por conflitos bissexuais não resolvidos. Meyer (1982) sublinha a estreita relação entre a perversão e o transexualismo, referindo que o que se mantém ao nível simbólico na perversão torna-se concreto no transexualismo, havendo neste sentido uma relação próxima com a psicose. Na mesma linha, Argentieri (2009) atribui à negação, mecanismo de defesa típico da perversão, grande importância na compreensão do transexualismo e à consequente clivagem do ego, que segundo a autora explicaria o contraste entre a parte do ego em contacto com a realidade e o delírio circunscrito relativo à identidade de género.

Oppenheimer (1991) coloca a problemática narcísica na base do transexualismo masculino. A falta de reconhecimento e investimento na masculinidade do bebé ainda na relação precoce constituiriam um sério ataque à sua masculinidade, causando um intolerável sentimento de castração, só superado mediante uma desidentificação ao masculino compensada narcisicamente pelo vínculo ao feminino idealizado. Assim, a transformação corporal, cumpre a função de evitar que o sujeito se percecionasse enquanto homem diminuído e ferido na sua masculinidade. Oppenheimer (1991) reforça o carácter patológico do transexualismo acusando Stoller de este querer legitimar a experiência subjetiva dos seus pacientes muito além do grau de reconhecimento necessário ao trabalho psicoterapêutico. O agir do transexual é, de acordo com a autora, equiparável ao ato ecrã, que descreve a negação do passado, que o transexual se esforça por anular através de novas experiências.

Com base em anos de trabalho com transexuais, Chiland (2005) aborda a complexidade do fenómeno transexual afirmando que o mesmo é "produto da nossa cultura individualista e baseada na tecnologia". Chiland (2005) traz um profundo conhecimento de fenómenos semelhantes ao transexualismo em diversas culturas, tentando fornecer um contexto para a compreensão do transexualismo no final do século XX. A autora identifica a complexidade, o conflito e a frequente história de trauma que caracteriza aqueles que pretendem submeter-se a uma cirurgia de redesignação sexual. Encontra um paradoxo interessante: num mundo no qual as distinções entre os géneros são cada vez menos rígidas, existindo uma tendência para o reconhecimento de uma multiplicidade de géneros, os transexuais procuram freneticamente ser reconhecidos como membros do sexo oposto, apresentando eles próprios uma visão binária do género. Chiland (2005) não reconhece o padrão parental descrito por Stoller mas reitera a crucial importância das figuras parentais na constituição da identidade de género, que defende ter início ainda antes do nascimento, ao nível das fantasias dos progenitores relativamente ao

sexo do bebê. Estas fantasias manifestar-se-iam de forma sistemática e mais ou menos consciente, sendo a sua interpretação decisiva na construção da identidade de género. Assim, o transexual masculino sentiria que só seria amado se rejeitasse todas as manifestações da sua masculinidade, passando a assumir uma conduta feminina reforçada ativamente pelos pais. Desta forma, a feminilidade constitui-se na fuga à masculinidade, depreciada e rejeitada. Chiland também propõe que na base do transexualismo possa estar um fim abrupto da simbiose ao nível da relação precoce, gerador de uma angústia de separação colmatada através de uma identificação ao objeto perdido, numa tentativa de ligação ao que lhe escapa. Aos ataques ao narcisismo durante a infância e a adolescência, somam-se diversas frustrações que geram uma confusão identitária só ultrapassável por via transformação sexual como forma de restauração narcísica. Em suma, Chiland sugere que o transexualismo é uma patologia do narcisismo, referindo-se a um estado borderline admitindo, contudo, que apesar do transexual apresentar uma identidade difusa, característica tipicamente observada em sujeitos com funcionamento limite, a verdadeira natureza do transexualismo permanece desconhecida.

Para McDougall (1989), a criança, megalómana e narcísica, deseja possuir ambos os sexos bem como os poderes e privilégios atribuídos a cada um deles. A descoberta das diferenças anatómicas representa um conflito superável através de um longo trabalho psíquico que permitirá à criança aceitar a diferença narcisicamente inaceitável e assumir seu destino monossexual. A constituição da identidade sexual, que ocorre por via dos processos identificatórios envolvendo ambos os progenitores, exige a capacidade de resolver os desejos universais e incestuosos, bem como instituir os processos de luto necessários para assumir a monossexualidade, sem distorções neuróticas, caracterológicas ou sexuais.

Os autores acima referidos, à exceção de Chiland, defendem que a constituição da identidade de género é uma aquisição do processo de separação-indivuação, fixa e imutável, confinando-a a uma categorização binária. Contudo, existem diversos investigadores que partindo da teoria psicanalítica tradicional, apresentam concepções de identidade de género mais fluidas e dinâmicas.

Harris (1996) propõe uma reflexão sobre os possíveis fundamentos psicossociais do transexualismo. A proposta de Harris é a de que o transexualismo deva ser pensado no contexto familiar, numa perspectiva sistémica, uma vez que expressa frequentemente motivações inconscientes dos adultos, visíveis no significado que estes atribuem ao género da criança. De acordo com Harris (1996), a constituição da identidade de género depende do processo de

separação mas sobretudo das experiências mais ou menos conscientes e fantasias dos pais acerca do corpo e mente da criança. Assim, na perspectiva da autora, a criança poderia desenvolver uma identidade de género que corresponda às necessidades e desejos dos pais como meio de evitar as ansiedades inerentes ao processo de separação. À semelhança de Harris (1996), Dahl (1988) aponta para o carácter não binário da identidade de género, afirmando que esta não é constituída em nenhum momento específico do desenvolvimento mas através de uma construção psicológica complexa centrada num corpo em interação. Dahl (1988) foca-se sobretudo nas fantasias acerca do género e na forma como as mesmas são constituídas e usadas pelo indivíduo na resolução de conflitos psíquicos. Elliot (2001), e Suchet (2011) procuram abordar o transexualismo sem o normalizar nem patologizar, tentando em contexto clínico manter um compromisso entre a exploração de conflitos inconscientes e uma relativa abertura à possibilidade de a transformação corporal poder representar uma forma de aliviar a angústia que acomete o transexual. Elliot (2001) alerta para a simplificação excessiva da compreensão da identidade de género e como esta está ainda associada a um reducionismo biológico e Suchet (2011) descreve o seu trabalho com um transexual feminino e o desafio que representou para si conciliar a sua compreensão psicanalítica do caso e a sua crescente aceitação de que a transição sexual poderia ser a solução apropriada.

Após a revisão da literatura, notamos uma grande diversidade de perspectivas na compreensão do transexualismo. Muito se tem conjecturado sobre as relações primitivas dos transexuais e as perturbações ao nível do processo de diferenciação-individação parecem constituir a questão central no transexualismo. O desejo de fusão ao materno parece ser uma invariante quer esta resulte do desejo de perpetuar a gratificação da relação simbiótica quer, no caso desta ter tido um fim abrupto, se manifeste através de uma identificação ao objeto perdido.

Existe a concordância geral de que a identidade de género concebida enquanto fixa e imutável, ou fluida e constituída num processo muito mais abrangente, em permanente construção e atualização, tem a sua origem na bissexualidade psíquica e implica integração dos opostos masculino e feminino. Apesar de lhe atribuírem importâncias distintas os autores convergem quanto há existência de um dano narcísico que apela por reparação maníaca, operada pelo transexual no plano concreto por via da transformação corporal, o que denuncia a falta de acesso ao mundo simbólico. Atendendo às diversas perspectivas apresentadas, consideramos que a hipótese conflitual será mais plausível na explicação do transexualismo. Stoller concebe a relação mãe-bebé apenas num registo libidinal não explicando de que forma as pulsões

agressivas, próprias do desenvolvimento, se manifestam na relação simbiótica. Contrariamente a Stoller, pensamos que a manutenção de um estado de "simbiose feliz" seja inconciliável com a passagem por um processo de separação-indivuação dito salutar, que permita a constituição de um sentido de Self e não-Self.

A psicanálise, dotada de um corpo teórico e método próprios, deverá continuar a interessar-se pelo transexualismo, longe das confusões e dos excessos da arena mediática, para que se recupere o prisma psicanalítico e se contribua com novos elementos para a discussão do tema. Esta investigação pretende contribuir para a compreensão da vivência subjetiva (intra e interpéssica) do sujeito transexual e avaliar o impacto das alterações corporais inerentes ao processo de redesignação sexual.

2. Método

2.1. Tipo de estudo

De forma a atingirmos os objetivos propostos, optou-se por uma investigação de natureza qualitativa, mais especificamente o estudo de caso. De acordo com Yin (2001), esta é a modalidade mais indicada para a compreensão de fenómenos sociais complexos na medida em que tende a preservar integralmente os elementos constituintes da vida real. Este tipo de investigação empírica apresenta a particularidade de assentar sobre o método de generalização analítica ao invés da estatística, tornando-o generalizável a proposições teóricas e não a

populações.

Decidiu-se por um estudo de cariz longitudinal para assim captarmos os aspectos transformacionais decorrentes das alterações corporais inerentes ao processo de redesignação sexual.

2.2. Instrumento

Para a presente investigação utilizou-se o Método das Narrativas de Associação Livre (FANI – *Free Association Narrative Interview*), desenvolvido por Hollway e Jefferson (2000). Trata-se de uma metodologia que se articula com a concepção teórica do objecto de estudo enquanto sujeito psicológico. Orientado pelo princípio psicanalítico da associação livre e desenhado para elicitare narrativas, o método em causa visa aplicar questões abertas com o intuito de encorajar os sujeitos entrevistados a narrar eventos específicos.

Apoiando-se no paradigma psicanalítico no qual o inconsciente assume uma importância essencial, o princípio da associação livre prende-se com o significado emocional contido nas ligações entre uma ideia e a seguinte, produzidas no contexto de uma relação específica com o ouvinte. Segundo Hollway e Jefferson (2000), ao contrário das abordagens onde apenas a opinião, as crenças e os factos são solicitados, esta constitui-se como uma metodologia que assume particular importância quando se visa explorar e aprofundar questões emocionalmente carregadas e/ou de teor identitário.

Hollway e Jefferson (2000) sublinham a ansiedade despoletada pelo conflito inconsciente cujo manejo implica o emergir de defesas inconscientes que afectam a forma como os sujeitos constroem as suas narrativas. Assim, sob o ponto de vista da subjetividade, os desejos inconscientes e as defesas contra a ansiedade, compreendem-se como resultado do envolvimento dinâmico entre psiques biograficamente únicas e as suas experiências sociais. É pois no âmbito da relação intersubjetiva estabelecida no contexto da entrevista, que surge a narrativa e se procura aceder a uma compreensão da subjetividade do sujeito.

Indo ao encontro da epistemologia psicanalítica, que assenta no uso da subjetividade do sujeito como um instrumento de conhecimento, os investigadores aprendem a utilizar as suas respostas emocionais na entrevista e na subsequente análise de dados, através de notas de campo, detalhadas e reflexivas, idealmente disponibilizadas para uma análise de grupo. Uma vez que

se parte do pressuposto de que as questões que convidam a respostas específicas levam a generalizações emocionalmente des-subjetivadas e racionalizações defensivas, o investigador deve, assim, dar seguimento à entrevista (follow up) de uma forma similarmente aberta, procurando ecoar a ordem e a terminologia utilizada pelos próprios entrevistados, de modo a não perder o «quadro de significado» (i.e., gestalt) do sujeito (Hollway & Jefferson, 2000). Desta forma, o quadro de significado dos participantes domina, ao invés do do investigador. Com base no postulado holístico da gestalt, o procedimento de análise da narrativa deve manter em mente o conjunto de dados de um determinado indivíduo quando interpretando partes da mesma, e, em particular, as associações que levaram a ela. Contudo, ao invés de esperar a coerência de relações entre as partes, o investigador deve manter-se atento a inconsistências, contradições e conflitos, bem como mudanças no tom emocional e evitamentos. Assim, de forma a manter o material o mais fiel possível à subjetividade do sujeito, os autores propõem quatro princípios fundamentais na condução da entrevista: 1) a utilização de questões abertas; 2) a elicitación de histórias; 3) evitar as questões “porquê”; e 4) acompanhar a narrativa procurando ecoar a ordem e terminologia do sujeito. A questão formulada previamente e que dita início da primeira entrevista é "Conte-me como tem vivido o seu processo de transformação corporal" que se mantém para a segunda entrevista ainda que acrescida de uma referência temporal para assim captar as alterações face ao primeiro momento, "tendo em conta que passou algum tempo desde a última entrevista, como tem vivido o seu processo de transformação corporal?"

2.3. Participante

José Maria (nome fictício) é um homem de 39 anos (à data da primeira entrevista) de origem brasileira. Veio viver com a família para Portugal em 2002, tendo regressado ao Brasil por volta de 2004. Em 2006, já divorciado, voltou a Portugal dedicando-se à prostituição. Mais tarde, em 2008 inicia uma relação homossexual que perdura até 2015. No final de 2016 inicia o seu processo de transformação corporal através de terapêutica hormonal. No momento da primeira entrevista José Maria encontrava-se sob terapêutica hormonal e a realizar procedimentos de depilação definitiva (laser e eletrólise facial). No segundo momento, tinha realizado uma cirurgia para a colocação de próteses mamárias. Na segunda entrevista foi atribuído ao entrevistado o nome fictício de Maria José.

2.4. Procedimento de recolha

O contacto de José Maria foi obtido através de um sítio de internet que publicita anúncios de acompanhantes para fins sexuais. Contactei o José Maria explicando o objetivo da investigação tendo o mesmo se disponibilizado prontamente para ceder uma entrevista. Procedeu-se à marcação da entrevista em data e hora convenientes ao entrevistado. Desloquei-me à residência de José Maria a quem expliquei o propósito da sua participação nesta investigação, tendo-o questionado se poderia proceder à gravação do áudio da entrevista, que serviria apenas para efeitos de transcrição, sendo posteriormente eliminada. Obtido o consentimento informado deu-se início à entrevista. O mesmo procedimento foi realizado no contexto da segunda entrevista realizada cerca de um ano depois.

2.5. Procedimento de análise

As entrevistas foram transcritas na íntegra (Anexo A e B) e analisadas segundo o método de associação-livre proposto por Hollway & Jefferson (2000). A análise das entrevistas decorreu em dois momentos distintos. Num primeiro momento, a entrevista foi lida em voz alta perante um grupo estudantes e/ou profissionais da área da psicologia, constituído por cerca de cinco a seis elementos que interferiram e comentaram livremente o que em si ia evocando o conteúdo da narrativa. O mesmo processo foi realizado para a segunda entrevista realizada cerca de um ano depois, perante um grupo que manteve grande parte dos seus elementos. Concluída a primeira etapa da análise, foram seleccionadas as temáticas mais relevantes das narrativas e realizado o agrupamentos dos conteúdos de acordo com os três grandes temas: 1) a identidade; 2) a transposição masculino-feminino na sua articulação com a relação Eu-Outro; e 3) a morte.

3. Apresentação e Análise dos Dados

3.1. Análise dos dados das entrevistas

3.1.1. José Maria, 38 anos - Momento 1

A partir da questão "conte-me como foi o seu processo de transformação corporal", José Maria prontamente associa a sua "transição" a uma "grande desilusão" que atribui ao facto de não ter ingressado no curso universitário que pretendia, referindo-se desde logo a si próprio/a ora no masculino, ora no feminino, algo que se repete de forma arbitrária ao longo de toda a entrevista, "a artes cénicas eu passei mas fui chumbado na prova técnica, quando eu cheguei atrasada ao exame".

Reportando-se a um período em que vivia no Brasil, conta que continuou a estudar e que se deslocava periodicamente a Portugal uma vez que "tinha cá uma pessoa que tinha uma relação comigo e que injetava financeiramente essas condições". Nesse período, nas suas palavras, José Maria era "homem, casado com homem e divorciado de mulher". Faz referência a um momento de impasse quando a sua ex-mulher, com quem teve dois filhos, o "atirou na justiça" exigindo uma pensão, "fiquei praticamente parada no tempo e eu pensei, pronto eu vou ser presa, porque no Brasil lei de pensão funciona, e eu fiquei desesperada". José Maria apresenta-se como se se tratasse de um objeto concreto, uma massa moldável pelo outro e os seus desejos, que ora o "injetam" e lhe concedem novas possibilidades, ora o "atiram" e o danificam. Refere que "até esse período nunca tinha pensado na transição nem nada, só o cabelo a crescer mas sem pensar na possibilidade de ser trans" mas que "estava numa fase difícil, não via outra alternativa". Como que ao entrar em contacto com o que o terá levado a iniciar a sua transformação corporal, José Maria contradiz-se dizendo que "até pensava um dia fazer a transição" mas que "não tinha tido essa necessidade já que tinha outros projetos em mente". Conta que deixou a "transição" "sempre para o último da vida, quando tivesse 60 anos como esse atleta que virou trans (...) quando a vida já não tivesse mais sentido (...) quando não houvesse mais graça", denunciando que a sua transformação corporal não está ao serviço de uma vivência, de uma renovação, mas de algo que contém a marca da morte, que está condenado a esgotar-se e subordinado a uma ideia de finitude.

José Maria parece viver a vida por etapas, criadas sem ligação entre si, como que recortadas, numa tentativa desesperada de "renascer", leia-se de escapar a uma existência para a qual não encontra sentido, *"a gente vai vivendo a vida por etapas, a gente vai chegar ao ponto e pensar assim, o que é que eu posso fazer agora não é, e saber que lá para cima tem mais coisas para você fazer, porque se chega a uma coisa e estagnou você pode dar cabo da sua vida e não querer mais viver"*.

Depois de ter sido *"homem, casado com homem e divorciado de mulher"* surge, de forma mais ou menos aleatória, ou pelo menos, aparentemente dissociada de uma verdade interna, uma nova etapa na vida de José Maria, *"eu tinha um amigo próximo que (...) se vestiu [de mulher] na minha frente e eu fiquei encantado com aquilo e me estimulou (...) aí eu me interessei e também fui"*. Como que tomado de assalto, José Maria começou a travestir-se *"entre quatro paredes"* contando que o fazia por *"diversão"* e porque sentia uma *"libertação temporária"*. Reportando-se a esse período, conta que *"falava-se de travesti mas não sabia da transexualidade"*. Mais tarde, travestir-se começou a mostrar-se insuficiente, *"mas isso [travestir-se] me incomodava um pouco (...) eu não quero ser taxada como macho de saia, eu aprecio uma coisa quando ela é natural, espontânea"*, e José Maria inaugura uma *"nova"* etapa: *"eu era o Teco, eu matei o Teco, eu matei o Teco, mas em vez de eu matar o Teco na questão física e morrer a Monique, se eu me suicidasse, eu preferi matar um e renascer como outro"*. Mostrando que a sua sobrevivência psíquica dependia de uma reconfiguração que não pôde ser vivida internamente, José Maria deu início a um processo de transformação implementado no plano concreto e ao qual atribui poderes mágicos, *"Quando eu tomei o meu primeiro hormônio, a alegria, a expectativa era tão grande (...) e aí eu tive uma outra visão da vida, fui-me sentindo livre dessas dores, depois perdoei a minha esposa, voltei a ter contacto com os meus filhos, voltei a dar a pensão mesmo ser ter obrigação"*. Numa separação ilusória entre a mente e o corpo, este torna-se o palco de todas as transformações, e a dor, a prova irrefutável da transformação, *"tenho sofrido muito com as aplicações do eletrólise (...), isso é muito dolorido, mas o facto de ser dolorido não quer dizer que eu deva desistir, não me dá uma pedra na frente, me dá mais impulso, porque eu vou vendo resultado"*.

Num momento posterior da entrevista, o processo associativo de José Maria põe em cena um sonho que torna ainda mais evidente a sua insuperável necessidade de operar continuamente sobre o corpo, aspeto central da sua dinâmica psíquica, *"sonhei com uma coruja, eu sonhei que eu pegava uma coruja e tirava as penas, tirava as peles da coruja, depenava a coruja toda...."*

Eu não lembro bem do sonho mas eu lembro desse elemento".

A conturbada relação de José Maria com o seu corpo parece ter-se iniciado precocemente, *"quando eu comecei a entrar na idade da puberdade, eu me negava a ter o corpo feminino (...) sentia que o meu corpo era pouco masculino"*. Ferido na sua masculinidade, José Maria constituiu uma identidade masculina centrada no corpo, *"eu tomava anabolizante e fazia ginásio para desenvolver músculo"*, criando uma armadura, não reconhecida (pelo outro) e sem correspondência psíquica, e portanto, condenada a fracassar, *"eu me sentia mal porque as pessoas me enquadravam como feminino e como gay"*. José Maria parece habitar um corpo que sente como estranho e o sobre o qual paira uma incerteza fundamental. Como que suspenso entre dois mundos que desconhece, masculino e feminino, José Maria procura encontrar no seu corpo, o que há de um e de outro, *"quando eu era garoto já tinha traços femininos tanto que eu não coloquei silicone na minha bunda"*.

Quando questionado sobre a sua infância, conta que não teve pai, e querendo referir-se a este, acaba por dizer que a mãe tinha morrido, cometendo um lapso verbal que clarifica o lugar que esta ocupa em termos de representação inconsciente, *"eu não tive pai, minha mãe morreu... meu pai morreu eu tinha 2 anos"*. Apresenta-se como sendo o elemento mais novo de uma fratria de dez irmãos, *"éramos 10 no total, 3 rapazes e 6 raparigas, comigo eram 4, então éramos 10 no total"*, com os quais tinha uma relação tensa da qual procurava escapar, *"Eu tinha uma adolescência feliz quando eu estava assim fora dos olhos dos meus irmãos, dos olhos de alguém que me fosse retrair"*. José Maria conta que vivia numa pequena vila e que esta seria a sua *"segunda casa"*, uma *"grande família"* onde conhecia *"toda a gente"*, numa tentativa inconsciente de se defender da angústia inerente à inexistência de um lugar suficientemente delimitado e securizante para assegurar o seu desenvolvimento, *"eu vivia numa vila muito pequenina, (...) era uma zona com um pouco mais de 3000 habitantes, é muito pequeno, praticamente é a minha segunda casa porque eu conheço todo o mundo, eu tenho lá a casa física que é a casa da minha mãe mas eu conhecia todo o mundo, é como se fosse uma grande família"*. É neste espaço imenso e indiferenciado que José Maria, desde muito cedo, foi tentando constituir referências identitárias, tateando, procurando diferenciar e compreender o masculino e o feminino, que apreende e integra de forma instável, confusa e superficial, *"se via sempre lá gay, mas gay sempre com aspeto feminino (...) quando se via um gay era sempre um gay com postura masculina, podia até ter os trejeitos, mas estava sempre vestido como um homem"*, o que perpetua o sentimento de não pertencer a lugar algum, *"eu tinha um problema*

de nervosismo muito alto (...) não atirava pedra como se costuma dizer mas eu não me sentia bem, mesmo em sítios gay eu me sentia um pouco desconfortável e em lugares hétero eu tinha medo da violência por ser um pouco mais feminino".

O tema da sexualidade é transversal a toda a narrativa de José Maria parecendo revelar uma busca desenfreada por preenchimento afetivo, uma forma de preencher um vazio doloroso, hipótese que se configura provável tendo em conta o grau de inespecificidade da sua sexualidade, *"eu dentro de minha casa eu gostava sempre de transar, nunca gostei de transar com gay muito escancarado mesmo que fosse um gay macho, eu não importava que fosse gay feminino, eu sempre tive relações com mulheres também, eu fui, eu sou bissexual, não tenho assim nenhuma restrição"*. A única preferência apresentada por José Maria relativamente à sua sexualidade expressa a conveniência da presença de um outro que o elucide do seu papel, sempre incerto e indefinido, *"eu sempre gostava de saber que a pessoa era hétero para eu ter um papel mais feminino, mesmo que eu fizesse a ativa ou passiva, teria que ser hétero, então eu buscava sempre ter relações com rapazes hétero"*. Cabe aqui referir a ligação de José Maria à prostituição na medida em que esta parece explicitar a forma agida com que enfrenta a angústia utilizando como suporte um corpo que, sendo-lhe estranho, é posto à prova em embates sucessivos. Regressando ao tema da sua transformação corporal, José Maria afirma que *"imaginava fazer a transição já sendo professor numa universidade"* para *"não associar a transição à prostituição"* mas logo comete um lapso verbal que denuncia que na sua mente representações tão distintas surgem coladas, equalizadas devido à obliteração do tempo, *"fazer a prostituição e a puta ao mesmo tempo"*. O desvanecimento das referências temporais, característica incontornável do discurso de José Maria, está patente na incoerência do seu discurso, *"eu ainda trabalhei num asilo... com dezassete velhinhas, trabalhava das oito da noite, eu saía daqui por volta das três/quatro horas, ia no Cais do Sodré, pegava o comboio para lá, chegava lá por volta das oito, era para entrar às oito, saía por volta das 10 da manhã, chegava aqui em casa à uma ou duas da tarde"*, um caos que se alastra à identidade, tornando-a débil e instável, *"eu fui, eu sou bissexual"*, e dá lugar a experiências de vazio e sem sentido.

A perda de referências temporais patente na narrativa de José Maria parece constituir uma defesa contra uma temporalidade que ao emergir revela um passado doloroso, que deve ser apagado a todo o custo, como deixa antever a sua referência a uma vida vivida por etapas, onde a experiência vivida, por ser insuportável, não pode transitar para a etapa seguinte, *"comecei tudo do zero, outra vez"*.

Empenhado em proteger-se de um passado que apresenta defensivamente idealizado, *"eu já tinha vivido todo o glamour de uma vida rica, eu venho de uma família pobre, vivi num mundo que eu nunca tive, ele era milionário, tinha uma casa fantástica, o meu quarto era do tamanho desse apartamento lá no *****, um lago artificial à volta do meu quarto com barco dentro do lago, tinha carro, ia para Dubai, ia para a Tailândia, viajava o mundo afora"* José Maria pula, em vez de transita, de etapa em etapa, criando à força, leia-se defensivamente, algo novo, uma barreira que opere a separação entre as experiências emocionais passadas e o presente. José Maria, tentando apagar da memória experiências traumáticas enquanto homem, pula para a etapa seguinte, a Maria José, uma *"nova"* identidade com função reparadora, *"é gostoso você estar na rua e as pessoas sentem mesmo tesão por ti, sabe? O facto de chegar aqui um cliente que paga para mim, meu deus, este homem poderia comer qualquer que ele quisesse e ele está pagando para trepar comigo, a media que me procura, tudo isso enfatiza, tudo isso só lhe dá combustível para você seguir"*.

A análise da narrativa revela as sucessivas *"etapas"* vividas por José Maria. Enquanto menino José Maria não se sentia reconhecido na sua masculinidade, mostrando-se desconfortável num corpo que via como *"pouco masculino"*. Mais tarde casou mas, nas suas palavras, *"não conseguiu viver o casamento"*. De seguida tentou a via homossexual, numa busca de espelhamento de um igual mas acaba subjugado, *"ele queria que eu fosse que nem cachorro que precisa de seu dono"*. Ainda tenta o travestismo que não satisfaz pelo seu carácter temporário, *"para desvincular isso de sempre ter uma altura certa para me vestir, para me despir"*, e finalmente dá início à etapa Maria José, marcada no corpo, a derradeira tentativa de proteger um território psíquico na iminência de desaparecer, mais drástica do que qualquer uma das anteriores mas igualmente condenada a fracassar, num excesso de concretude e realidade, que indicia uma degradação psíquica irreparável, *"eu não poderia imaginar que um dia eu seria trans, nunca nunca nunca"*. Tal como quando se mudou definitivamente do Brasil para Portugal, para José Maria avançar parece implicar ter de deixar *"tudo para trás"*.

3.1.2. Maria José, 39 anos - Momento 2

Face à questão, que em si mesma procura introduzir uma noção de temporalidade para assim captar as mudanças relativamente ao primeiro momento da entrevista, Maria José logo nega qualquer alteração, *"para mim tem sido a mesma coisa daquele tempo passado"*. No momento seguinte, como mudança, destaca uma modificação da sua configuração corporal resultante de uma cirurgia a que se submeteu para a colocação de próteses mamárias, *"eu implantei silicone"*. Revela sentir-se *"mais tranquila"* desde que deixou de tomar elevadas doses de hormonas femininas que associa a uma forte instabilidade emocional, *"eu tinha que me encher de hormônios e isso me causava uma certa taxa de humor, alta, baixa... Eu tinha picos de nervosismo assim muito fluentes, qualquer coisa eu me stressava"* e refere que tenciona realizar outros procedimentos cirúrgicos, *"depois daqui vou tentar fazer uma feminilização facial, adequar o corpo, no caso fazendo uma lipoescultura"*.

No seu discurso percebemos a separação entre dois níveis, um mais interno, que parece querer preservar e onde a mudança é sentida como perturbadora, e um outro, de superfície, que será limado à *"perfeição"*, até que nada denuncie que um dia foi homem, para assim assumir uma *"nova"* identidade, mais feminina e portanto mais *"segura"*, *"e assim vou estar muito mais, como posso dizer, mais... mais inserida na sociedade sem aquele resquício de ... ai, será que estão a olhar para mim porque eu sou homem? E é isso. Agora estou mais segura"*.

Conta que no passado não conseguia sair de casa vestida de mulher pois tinha *"um grande medo de sofrer alguma represália, alguma piada"* e que apesar de não se identificar com os *"lugares gay"*, acabava por os frequentar pois *"tinha medo de ir a lugares hétero"*. Empenhada em mostrar que tinha conquistado um lugar através da sua nova configuração corporal, Maria José confunde-se acabando por dizer que agora não frequenta lugares gay, revelando que, na verdade, não tem lugar em nenhum dos dois.

Estar mais *"segura"* significa na *psique* de Maria José *"estar cada vez mais próximo ao feminino, à figura feminina"* através de um processo que a própria defende como sendo uma *"reeducação"*, *"com o passar do tempo eu vou adequando com as cirurgias plásticas, a prática de utilizar maquilhagem, a maneira de se comportar, às vezes mesmo tentar falar um pouco mais baixo, é como se fosse uma reeducação, é tentar estar mais próximo do aspeto feminino possível sem ser tão agressivo, sem ter aquela questão de ser um homem de saia que é aquilo que eu detesto"*.

De seguida, e sem que fosse questionado nesse sentido, Maria José procura explicitar o motivo da sua transformação corporal, algo que acontece em vários momentos da entrevista e num tom justificativo, indiciando que este é pouco claro para si mesma. Apresenta o seu processo de transformação como tendo tido um início súbito, repentino e impossível de prever, *"foi mesmo da noite para o dia, quando eu decidi foi assim de vez, eu não comecei vestindo saia, botando peruca sabe, eu não fui experimentando, eu fui decidida de vez. Comecei do zero logo com hormônio, fui direto para o hormônio, em 3 meses eu já estava alterando o meu corpo e alterando o meu guarda roupa (...) lembro que (...) eu comprei um monte de roupa masculina que eu nem usei, porque eu não tinha intenção naquela altura de alterar o corpo"*. Conta, sem conseguir explicar, que comprou *"um sapato feminino"*, e que este, como se tivesse sido contaminada por algo, ditou o início mágico do seu processo de transformação corporal, *"E depois desse sapato feminino, foi mais ou menos o boom assim quando a minha colega me ofereceu uma partida de hormônio, quando eu tomei já fui mudando todo o meu pensamento e aí eu não parei mais"*. Refere que quando começou a transformação, a sua maior *"preocupação"* era não ser visto como *"homem de saia"*, ponto de retorno no discurso de Maria José e imagem da qual procura fugir para se ligar a uma outra, à de mulher, idealizada e da qual tem um conhecimento de superfície, *"Fui sempre tentando ficar mais feminina, buscando maneira de me enquadrar cada vez mais no espelho que é uma mulher"*, de forma a evitar, tanto quanto possível, o olhar dos outros, *"quando está assim muito exposta, por mais que a pessoa perceba que é uma figura feminina, por falta de respeito trata a gente como masculino, faz como piada mas ofende, é como se fosse um bullying, só que o que acontece é que para mim, por eu estar buscando uma maneira de ficar mais feminina e sofrer esse tipo de ofensa é triste, é como se o meu resultado, como se o meu esforço não estivesse valendo a pena"*. Como contraponto ao que estava a descrever, Maria José conta que a advogada lhe perguntou, *"como é que você gosta de ser tratada?"*, querendo saber o seu *"nome de agora"* porque já saberia o *"nome de registo"*. Achou-se este o momento oportuno para questionar Maria José sobre o seu *"nome de registo"*. Maria José conta que é José Maria e ri. *"É José Maria"*, e de seguida, explica: *"como eu nasci no período de natal, (...) eu levei esse nome, para mim esse nome é um horror, é um peso, é um nome horroroso, não gosto, acho horrível, nunca gostei do meu nome e sempre tive complexo por conta do meu nome ser José Maria. É um nome que no brasil não é muito incomum, encontra-se José Maria por todo o lado, mas não é como Pedro, António... José Maria..., eu nunca topei meu nome"*. Refere que José Maria *"é um nome muito sério, que vem de José e Maria"*, e que *"tem aquela coisa de ser uma pessoa muito prendada e eu não sou nada disso, eu gosto de tudo misturado"*. Contrariamente ao que afirma, Maria José procura livrar-se de um

nome que funde José e Maria, leia-se, masculino e feminino, e da carga emocional suscitada pelas questões da filiação, fazendo uma *"adequação de José Maria para Teco"*, colocando-se no plano dos objetos ao fazer referência a um tipo de avião conhecido no Brasil por teco-teco, que de seguida eleva à condição de desenho animado, ligando o nome Teco à dupla da Walt Disney Tico e Teco, que logo separa novamente, distinguindo-os, *"um mais abestalhado (o Teco) e o outro mais esperto"*.

Percebendo que Maria José faz uso do mesmo termo (adequação) quer se refira à mudança de nome quer à transformação corporal, *"adequar o corpo"*, digo: disse-me na primeira entrevista que a Maria José nasceu do Teco. Imediatamente, Maria José conta que achava que na *"velhice ia viver vestido de mulher, criar um personagem ali paralelo"*, como uma identidade postiça que poderia pôr e tirar, *"quando eu fosse comprar o pão eu tirava, quando estivesse em casa eu punha, era assim que eu fazia muitas vezes"*. De acordo com o seu discurso, tudo se alterou depois da sua separação *"eu estava estudando, aí com a situação do divórcio, a minha esposa quis-me ferrar, ela ficou muito má comigo depois disso, amor recolhido se torna ódio... e por conta desses processos a minha ex-esposa me jogou na justiça"*. O ataque a que foi submetida deixou-a *"decepcionada"* e *"sem perspectiva"*, momento em que decidiu fazer a *"transição"*, como que querendo proteger-se de novas investidas, *"só que eu venho-me tornando mais feminina, vejo os olhares das pessoas que até se confundem, você é mulher, você é homem, isso faz com que cresça um certo ego, dá um certo prazer saber que você está chegando ao seu objetivo, hoje em dia estou cada vez mais segura disso"*. *"Matei mesmo"* diz Maria José, referindo-se ao Teco e dando conta da violência a que este foi sujeito. Nas suas palavras, este é o momento de *"Maria José ganhar o espaço dela"* pois proporciona outras possibilidades, *"a Maria José facilita mais porque o trabalho da Maria José, você sabe que eu faço trabalho sexual eu não vou te mentir, dá mais oportunidade de eu ter um futuro mais tranquilo na frente"*. Em vários momentos da entrevista Maria José procura apresentar a sua *"transição"* como sendo *"um recomeço, o ponto zero de tudo"*, o que não consegue sustentar, acabando por revelar que também ela surge com a marca da agressão, *"eu matei literalmente o Teco e dei lugar à Maria José, e assim surgiu a Maria José, mas surgiu com todo o trauma que o Teco viveu lá no passado, todas as frustrações"*.

Ao abordar a *"questão de vender o corpo"*, Maria José refere-se a um *"gozo nos dois sentidos, tanto físico como gozo na perspectiva do trabalho"*. Maria José prostitui-se como mulher, desempenhando no entanto ambos os papéis, ativo e passivo, masculino e feminino, revelando que quando recoberta por uma aparência feminina a sua masculinidade pode emergir.

Maria José procura realçar que não se sente "*culpada de nada*", que não tem "*nenhum trauma*", e que não se "*castiga por nada*", mas logo mostra o pouco vigor dessas afirmações dizendo que "*posso até dobrar aqui a esquina e já pensar o contrário*", mas apesar de tudo, procura mostrar a si própria que "*está no caminho certo*", leia-se no caminho da fuga, tentando isentar-se de todas as frustrações, traumas e culpas que o assombram, uma hemorragia à qual procura pôr fim citando Oscar Niemeyer, "*a vida é um sopro*". Inquieto com a frase que Maria José tinha acabado de citar, percebendo que esta convoca a morte e uma ideia de finitude, sou levado a perguntar "como perspectiva o seu futuro?". Maria José responde, como que expondo algo que esconde secretamente: "*eu vou ser muito aberta contigo (...) talvez se for o caso, também fazer a reversão, voltar no caso a virar homem depois de experimentar tudo isso (...) a reversão seria como se eu fosse no caso, não digo trazer o Teco de volta, ter uma certa admiração das pessoas enquanto aquilo que eu vivi, pela ousadia de eu ter experimentado de tudo, tanto ser homem quanto ter sido mulher*". Maria José revela que a sua transformação corporal não está ligada ao sentido que encontra em ser mulher, mas à constituição de um lugar que lhe permite ser homem ainda que na condição de disfarçado. Abatido na sua masculinidade, Maria José encontra no feminino potente e poderoso, como se confundindo-se com ele, o disfarce que lhe permite sobreviver psiquicamente. A "*reversão*", voltar a ser "*homem*", só é psiquicamente possível na fantasia de que este surgirá contendo o feminino e protegido pelas características que lhe são atribuídas, "*não digo trazer o Teco de volta, ter uma certa admiração das pessoas enquanto aquilo que eu vivi, pela ousadia de eu ter experimentado tudo, tanto ser homem quanto ter sido mulher*".

Como forma de explicar a sua possível "*reversão*", Maria José invoca questões de ordem prática, "*se um dia, quando eu tiver uma certa idade, tiver dificuldade para me deslocar, para eu ter que fazer um exame ou alguma coisa assim, olha, se pode tirar tira logo a mama sabe? Eu não vou me importar*", falando de um corpo que pode ser montado e desmontado, que não existe verdadeiramente e que serve apenas para camuflar uma identidade masculina. Ao mesmo tempo, o seu discurso parece conter a alusão a uma doença somática que poderá obrigar à retirada das próteses, cabendo a interpretação, em termos de representação inconsciente, o carácter temporário de um disfarce condenado a fracassar. Esforçando-se por constituir uma possibilidade outra, que não a Maria José, refere que essa resultaria não do desejo de "*trazer o Teco de volta*", experiência que procura apagar com todas as suas forças, mas de um "*desleixo*", que em associação-livre logo surge ligado ao tema da morte, "*deixo já a barba aí e não vou mais me preocupar com isso porque eu estou já pedindo que dê passagem, que eu morra no*

caso, tanto que eu sou completamente a favor da eutanásia, mesmo agora se eu bater na esquina e eu ficar mal, que me mate logo, não espere eu ficar cinco ou seis meses ali na cama para dar o ar da graça".

Em seguida Maria José, na concretude e excesso de realidade característica do seu discurso, revela não vislumbrar outra alternativa dizendo que *"chega um momento que a pele não tem mais por onde esticar"*, o que de imediato faz emergir um movimento de reparação maníaca, levando-a a cantarolar Zeca Pagodinho, *"deixa a vida me levar, vida leva eu"*. Incapaz de se projetar no futuro, procura alimentar-se desenfreadamente do agora referindo que, *"a proposta é curtir esse momento, é deixar fluir, tem agora o meu casamento, depois vem a questão de mudar de nome, e assim vai, uma coisa de cada vez"*. No final da entrevista Maria José admite, *"pode chegar a uma altura que eu não sinta mais para onde ir, e agora o que é que eu vou fazer?"*, tornando ainda mais presente que para escapar terá que *"buscar outra alternativa"* de forma a proteger-se de uma temporalidade dolorosa e evitar desaparecer como um *"sopro"*.

4. Análise dos grandes temas

4.1. Identidade

A análise da narrativa de José Maria revela os *"personagens paralelos"* que foi criando e animando numa busca por novas experiências. José Maria conta a sua vida por *"etapas"*,

histórias recortadas, criadas com o propósito de varrer da consciência um passado doloroso e remeter as suas experiências ao esquecimento. A sua narrativa transmite a vivência de uma imensa solidão desde muito jovem, quando "*sem uma atenção específica*" deambulava por entre uma multidão tentando compreender e diferenciar masculino e feminino para assim constituir a sua identidade. O seu desconforto com o corpo surgiu precocemente pois sentia-o "*pouco masculino*". É neste clima marcado pela insuficiência que a sua vida prosseguiu. Brutalmente atacado pelo feminino e depreciado na sua masculinidade, José Maria tentou alimentar-se narcisicamente do espelhamento da relação homossexual e mais tarde começou a travestir-se, solução temporária que deu lugar à "*alternativa*" Maria José, mais radical que as anteriores, porque marcada no corpo e criada para eliminar qualquer "*resquício*" de que um dia o José Maria existiu. A transformação corporal de José Maria não está portanto ao serviço do sentido que este encontra em ser mulher ou no corpo feminino, mas no disfarce que este oferece a um masculino ferido. O corpo sentido como estranho, é então atuado de forma concreta, transformado e limado à "*perfeição*" no sentido de camuflar o masculino, que sendo já insuficiente e vulnerável, não pode ser exposto, pois incorre no risco de ser definitivamente aniquilado.

Como que tentando apossar-se das características do feminino, concebido como poderoso e implacável, José Maria constitui uma identidade feminina e hiperbolizada, que procura destacar, a Maria José, da qual procura alimentar-se narcisicamente, passando, na sua fantasia, da posição de ferido e castrado enquanto homem, para fálico e poderoso enquanto mulher, na medida em que se transforma em objeto de desejo de homens que participam no seu disfarce, não o revelando.

Apesar do esforço de José Maria para constituir o disfarce perfeito através de uma "*imagem feminina*" o pénis, não apenas não é sentido com estranheza, como é investido e fonte de gozo. Ainda que contido e protegido por uma aparência feminina, o pénis, por ser revelado na intimidade, não constitui uma fonte de embaraço ou confusão, pois não interfere na "*nova*" identidade que é sustentada apenas no semblante. A intimidade parece fornecer um contexto sentido como seguro para o emergir e afirmar da masculinidade escondida.

A Maria José surge na narrativa de José Maria ligada à fantasia de um "*renascer*", "*um começar do zero*", mas logo notamos que a "*nova etapa*" surge contaminada por um passado que não pode ser esquecido, e que reaparece abanando as suas referências identitárias e trazendo a confusão, ditando uma difusão identitária.

Totalmente polarizado no corpo, José Maria refere na segunda entrevista sentir-se mais "segura", o que atribui ao facto de ter implantado as próteses mamárias, sentindo-se agora mais feminina e menos alvo dos olhares dos outros.

Num registo mais instável e confuso, José Maria tanto se refere ao "peito" dizendo que essa transformação corporal não foi sentida por si com "alegria", o que justifica dizendo que é como se "já o tivesse tido" como, em seguida, numa referência a uma possível doença somática diz, "se tiver que tirar o peito pode tirar", como que podendo abdicar de uma parte do seu corpo sem que isso tenha um impacto psíquico sobre si, mostrando que o "peito", por ser externo, não é investido enquanto tal.

José Maria fala de um corpo não mentalizado, um corpo a maquilhar, cujas mudanças são apreendidas apenas em termos percetivos, como se se representasse a si próprio no vazio, num corpo que não existindo verdadeiramente não precisa ser preservado, "se você dissesse agora, Maria José fica nua e atravessa aí, eu ficava nua e atravessava aí numa boa, eu sei que isso pode ferir a sociedade por ser uma coisa chamada atentado ao pudor mas para mim é natural". Assim, a colocação das próteses mamárias só constitui uma mudança para José Maria no sentido em que este se vê agora mais disfarçado, com a possibilidade de ser confundido com quem era dissipada, e portanto com a sua masculinidade preservada.

Assiste-se na passagem da primeira para a segunda entrevista, a uma alteração da representação corporal no sentido de uma maior instabilidade, na qual o corpo é representado como se feito por peças, que podem ser adicionadas e retiradas, o que poderá ter sido suscitado pela intervenção cirúrgica a que José Maria foi submetido, já que pôr convoca o retirar, que na dinâmica psíquica de José Maria ocupam um lugar semelhante.

Em ambas as entrevistas José Maria interroga-se, "o que é que eu vou fazer?", fazendo sempre alusão à constituição de uma solução por via da ação (fazer) e a uma necessidade de operar a transformação através do corpo, como que registando-a para que não possa ser esquecida.

No final da segunda entrevista, José Maria confia que existe a possibilidade de no futuro vir a reverter o seu processo de transformação corporal, parecendo dizer que quanto mais se aproxima da "figura feminina" menos ela se configura como uma solução que permita a sua sobrevivência psíquica.

Numa análise comparativa, José Maria surge mais oscilante na segunda entrevista, defendendo-se da falta de sentido da experiência através do recurso a defesas maníacas.

4.2. Transposição masculino-feminino

Enquanto homem, José Maria representa-se como insuficientemente masculino e ocupando uma posição de vulnerabilidade face a um feminino concebido como poderoso e implacável. Agredido na sua masculinidade, José Maria reforçou o feminino confundindo-se com ele, criando um lugar onde pode ser homem ainda que mascarado de mulher. A sua mudança corporal reflete assim uma necessidade absoluta de se descolar de um passado que não pode ser lembrado, uma forma de escapar a um sentimento de desamparo vertiginoso e de representação impossível, através de um corpo "*novo*", de um "*renascer*" inspirado na fuga e no desespero.

É da reparação que nasce a Maria José, uma identidade de superfície que é colocada em relação com a realidade externa, protegendo o masculino de novos ataques. Nesta nova condição, José Maria não só não está sujeito à agressividade do feminino como não precisa ser "injetado" pelo masculino, pelo qual se sentia subjugado.

O corpo masculino que sentia já envelhecido, vazio de sentido e desapossado, dá lugar a um outro capaz de despertar o desejo e a excitação do masculino. Na ilusão de que reúne propriedades masculinas e femininas, reveladas na sexualidade através do jogo do ativo e do passivo, o "*novo*" José Maria tem agora o masculino à sua mercê, quando antes estava por ele dominado.

Abandonando o seu corpo masculino psiquicamente castrado como se nunca tivesse chegado a constituir o seu pénis, José Maria ao transformar-se numa mulher com pénis como que germinou ou criou um falo psíquico que enquanto homem nunca tinha possuído. Dessa maneira, enquanto homem transformado em mulher, José Maria consegue apossar-se de um poder fálico e dominar o outro como homem através de uma máscara, de um disfarce e de uma encenação que somente na superfície é feminina.

Ao migrar de um corpo que através do feminino se pode constituir como totalmente diferente, José Maria introduz um corte radical à sua experiência anterior. Num corpo novo, e acima de tudo, num caminho desenfreado em busca da sua conquista, José Maria é agora capaz de se imaginar separado do seu passado e conceber-se a partir desse corte, construindo um novo olhar

sobre si mesmo, que lhe permite também (re)criar o olhar do outro de uma forma diferente. José Maria refere que já não sente no outro um olhar tão marcado pela estranheza, no entanto, não foi a real mudança do olhar do outro que o levou a constituir um olhar diferente sobre si mesmo.

Enquanto homem, José Maria não se sentia propriamente definido como feminino, mas mais como insuficientemente masculino e dessa forma, apresenta-se como que em suspenso entre os dois géneros. Enquanto mulher, ironicamente, consegue fugir no seu imaginário, sem no entanto escapar psiquicamente, da nuvem indefinida da sua identidade de género, por intermédio de uma máscara, um disfarce desenhado para esconder e proteger um interior danificado e que funciona simultaneamente como íman do desejo do outro e armadura contra ele.

É na proteção de uma superfície feminina que José Maria permite que o masculino emergja, desta vez poderoso porque em contraste com um lugar onde não é suposto existir, ganhando um poder que só é possível através da amputação, da eliminação disfarçada de todo o masculino.

4.3. Morte

O "*renascer*", o novo e a criação devem sempre ser considerados na sua relação com os opostos, convocando assim uma ideia de finitude e mortalidade. Tal implica que se fale em ciclos renovados de criação, de vida e de morte, onde em cada novo começo há a integração do antigo transformado.

É na compulsão à repetição e na sua relação com a pulsão de morte que José Maria vai constituindo "*alternativa*" atrás de "*alternativa*", descrevendo uma dinâmica cíclica e procurando assegurar a sua sobrevivência psíquica. É o medo da morte, o medo do nada, e do vazio, que faz com que deparando-se com a finitude, e impulsionado pelo próprio medo, José Maria construa uma nova "*etapa*", protegendo-se de um confronto direto com a morte.

A "*nova etapa*" de José Maria não revela uma verdadeira transformação de si ou das coisas do seu mundo, pois polarizado que está, e como se cego, José Maria atua exclusivamente ao nível da sua realidade corporal, operando uma transformação que pretende ver traduzida em características do Eu.

Os diversos ciclos vividos por José Maria revelam uma luta árdua para constituir uma identidade que, sendo desprovida de uma verdade interna, está destinada a fracassar e se perde, o que impõe que uma outra seja criada e se instale no seu lugar. Tal como Sísifo, José Maria, parece não poder pôr fim a um ciclo de esforços longos e repetitivos que reconhece, pelo menos inconscientemente, estarem fadados ao fracasso, "*chega um momento que a pele não tem mais por onde esticar*". José Maria pula de alternativa em alternativa, caminhos paralelos, soluções temporárias, numa busca desenfreada de sentido mas sempre perseguido pela sombra da morte, num "*caminho sem volta*".

A morte parece pairar sobre a vida de José Maria desde o seu lugar de origem que representa através da vivência de abandono e desamparo, na referência a um pai que morreu (no plano concreto) e a uma mãe morta em termos de representação inconsciente, terreno pouco fértil para um desenvolvimento salutar.

José Maria fala-nos de um corpo morto, vazio e desvitalizado, que se transforma no palco de personagens paralelos, dando lugar a experiências fugazes que criam uma ilusão de vida. A estranheza patente na relação de José Maria com o seu corpo testemunha que este não é representado psiquicamente, nem existe verdadeiramente, pelo que pode ser mudado, ampliado ou reduzido, como que se construído por peças.

Lutando pela sua reparação e por um senso de coesão e integridade que lhe escapa, José Maria assume um corpo novo, feminino, na esperança de se impregnar dos seus atributos, antes que seja sabotado na surdina pela pulsão de morte, que retira sentido à sua experiência.

Na segunda entrevista José Maria parece considerar com algum vigor a sua "*reversão*", o que indicia a falta de sentido que encontra na experiência de um corpo "*cada vez mais feminino*". O processo de transformação corporal, apresentado por José Maria como sendo um "*caminho mais longo*", leia-se, um caminho que permitiria a sua sobrevivência psíquica por mais tempo, parece estar agora mais próximo do fim. A possibilidade criada está portanto a esgotar-se, e com o disfarce na iminência de ser descoberto, emergem as angústias antes negadas, indicando que se avizinha um novo impasse e uma nova luta para pôr termo à sensação de vertigem. Quando José Maria admite, com o duplo fracasso, voltar à posição anterior, fá-lo na fantasia de que o fará protegido pelo feminino, parecendo ignorar que nesse momento ver-se-á num corpo que lhe será ainda mais estranho.

5. Discussão

Recordamos que este estudo pretende contribuir para uma maior compreensão da vivência subjetiva do sujeito transexual em processo de redesignação sexual, e avaliar o impacto psíquico das transformações corporais inerentes a este processo.

Os dados recolhidos através das entrevistas realizadas a José Maria revelam que o seu processo de transformação corporal resulta de um intrincado processo defensivo, que não podendo ser vivido internamente é operado no plano concreto.

Tal como Meyer (1982) já havia notado nos casos de sujeitos transexuais que estudou, os dados que dispomos relativamente à infância de José Maria não revelam a dinâmica psíquica familiar proposta por Stoller (1968) para a etiologia do transexualismo, em particular no que diz respeito à relação precoce com o objeto materno, que de acordo com o autor seria caracterizada por uma "simbiose feliz e infundável", mas que no caso de José Maria parece ter sido marcada pela vivência neutralizadora do género, "*não tinha uma atenção específica*".

Os elementos recolhidos vão ao encontro da proposta de Oppenheimer (1991) e Chiland (2005) que colocam a problemática narcísica como aspeto central no transexualismo. Oppenheimer (1991) sugere que um ataque à masculinidade, no sentido do seu não reconhecimento ainda na relação precoce, conduz a um intolerável sentimento de castração, só superado através de uma desidentificação ao masculino compensada narcisicamente através do vínculo ao feminino idealizado, materializado na transformação corporal, evitando que o sujeito se percepcione como diminuído e ferido na sua masculinidade. A transformação corporal de José Maria parece constituir uma forma de este se reparar narcisicamente contudo, a desidentificação ao masculino e o correlativo vínculo ao feminino parecem ocorrer apenas a um nível superficial já que, ainda que recoberta pelo feminino, José Maria preserva a sua masculinidade, que faz emergir no contexto da sexualidade e que está contida no seu discurso quando equaciona reverter todo o processo de transformação. Assim, ao contrário do que é proposto Stoller (1975), não vemos o transexualismo como a verdadeira expressão do Self do sujeito transexual, mas como resultado de um mecanismo defensivo que resulta na constituição de uma identidade de superfície, que sendo posta em contacto com o exterior permite proteger e preservar o verdadeiro Self.

Sem no entanto se ter debruçado particularmente sobre a questão, Stoller (1975) notou o carácter superficial da feminilidade dos meninos transexuais dizendo que, contrariamente às meninas, a feminilidade manifestava-se sobretudo através das roupas, cabelos e adornos. É a este nível superficial que José Maria procura constituir uma identidade feminina, sem no entanto abdicar da sua masculinidade, o que converge com a hipótese interpretativa de Meyer (1982) que salienta o carácter defensivo ao invés de genuíno da feminilidade no sujeito transexual e, com o que refere Argentieri (2009) acerca de pseudo-identidade feminina, que se vê reforçada narcisicamente através da relação com o masculino.

A concretude do pensamento do sujeito transexual na sua relação com uma atividade simbólica precária é realçada por diversos autores (Chiland, 2005; Oppenheimer, 1991; Argentieri 2009;

Limentani, 1979; entre outros). Troger e Pinheiro (2009) propõem que a articulação deficitária entre masculino e feminino em sujeitos transexuais não permite a deslocação dos investimentos e gera o movimento contrário à alteridade e à complementaridade, explicando a necessidade de agir num corpo que não é pensável. Isto poderá explicar a necessidade de José Maria, de operar a transformação de forma concreta, sobre o corpo, submetendo-se a procedimentos dolorosos. Neste sentido, os dados recolhidos vão ao encontro de Oppenheimer (1991) que refere que o agir do transexual é equiparável ao ato ecrã, que descreve a negação do passado que o transexual se esforça por anular através de novas experiências, presente no discurso de José Maria quando este se refere a uma vida vivida por etapas, sempre constituídas para anular a anterior.

A análise do material revela a conturbada relação de José Maria com o seu corpo que surge representado no vazio e por vezes fragmentado, mas sempre com a marca da estranheza, o que, de acordo com Mc Dougall (1989), poderá estar relacionado com a introjeção da imagem de um corpo danificado provocado por falhas nas trocas sensoriais ao nível da relação precoce, ou de dificuldades de integração e articulação da relação masculino-feminino (Troger & Pinheiro, 2009). A estranheza na relação de José Maria com o corpo é congruente com o estudo desenvolvido por Marone, Iacoella, Cecchini, Ravenna e Ruggieri (1998) que aponta para a presença de distorções na percepção da imagem corporal em indivíduos transexuais.

Diversos estudos procuraram avaliar o impacto das cirurgias de redesignação sexual nos diferentes domínios da vida dos sujeitos transexuais. Constanza et al. (2015) sugerem que de uma amostra de 103 sujeitos transexuais cerca de 50% percebem a sua vida sexual como "insatisfatória" ou "muito insatisfatória" antes da cirurgia de redesignação sexual. Outros estudos como Silva *et al.* (2016) e Papadopulus *et al.* (2017) defendem que o tratamento cirúrgico é a opção terapêutica chave para transexuais. Estes e grande parte dos estudos que avaliam o impacto da cirurgia de redesignação sexual inscrevem-se numa lógica quantitativa e recorrem a questionários, frequentemente o QOL - *Quality of Life Questionnaire* em diferentes versões, podendo dar origem a diversos enviesamentos, desde logo por serem questionários de autopreenchimento. Sendo o transexualismo uma condição sentida como egossintónica assente, de acordo com alguns autores, na crença delirante de pertencer ao sexo oposto, os resultados destes estudos devem ser interpretados com ainda mais precaução.

A análise comparativa das entrevistas de José Maria revela uma transformação ao nível da sua representação corporal. Enquanto na primeira entrevista o corpo era representado sobretudo como envelhecido e sentido como estranho, na segunda mantém-se a estranheza mas esta surge

acompanhada de uma representação corporal que vemos mais desvitalizada e fragmentada, o que parece ter sido suscitado pela colocação das próteses mamárias. No discurso de José Maria percebemos que as próteses mamárias não são investidas de forma a serem integradas na representação corporal e poderem assim contribuir para a redução da estranheza face ao corpo, ou para uma representação corporal mais coesa. Pelo contrário, à medida que José Maria se aproxima de uma aparência "cada vez mais feminina" é levado a equacionar a reversão do seu processo de transformação corporal que surge na entrevista num contexto de maior desorganização denunciado pelo recurso a defesas maníacas e num clima de impasse, ficando em suspenso a sua continuidade.

A alteração da configuração corporal parece introduzir uma maior estranheza face ao corpo e conduzir a uma maior desorganização e difusão identitária.

A defesa maníaca organizada em torno da promessa de um “*renascer*” torna cada vez mais presente uma ideia de finitude e mortalidade, que decorre da impossibilidade de manter coeso um aparelho psíquico face ao confronto com o nada, o vazio, e o sem sentido. Na ilusão de estar a constituir um “caminho mais longo”, José Maria confronta-se agora novamente com angústias que não desvanecem com o passar do tempo ou com a transformação da sua realidade corporal e que teimam em emergir levando-o a um impasse com um desfecho imprevisível.

6. Conclusão

O estudo do transexualismo deve ter em conta o carácter singular do sujeito transexual e revelar uma busca de sentido no contexto da sua realidade psíquica, resistindo a qualquer tentativa de constituir uma teoria universal e totalizante.

O processo de transformação corporal com vista à redesignação sexual parece constituir uma solução defensiva e radical face a um ataque e depreciação da masculinidade de José Maria, geradoras de uma angústia intolerável que impõe a criação de uma identidade de superfície feminina marcada no corpo, que permite a continuidade psíquica e a expressão da masculinidade ainda que recoberta pelo feminino.

A transformação corporal reflete portanto uma necessidade absoluta de se descolar de uma temporalidade que ao emergir se revela dolorosa, uma tentativa de remeter as experiências do

passado ao esquecimento como forma de escapar a um sentimento de desamparo vertiginoso e de representação impossível, através de um corpo "novo", de um "renascer" inspirado na fuga e no desespero.

Num excesso de concretude e realidade que caracteriza o pensamento de José Maria, o corpo torna-se o palco de todas as transformações sendo atuado de forma concreta na ilusão de que a sua transformação se reverta na mudança das características do Eu.

Como a transformação corporal não está ao serviço do sentido que José encontra no corpo feminino mas na constituição de uma identidade de superfície, precária e condenada a fracassar, as modificações corporais não resultam na constituição de uma representação corporal mais coesa e simbolizada mas, pelo contrário, parecem aumentar a estranheza sobre o corpo e conduzir a uma maior e perigosa desorganização psíquica.

A cada etapa, a cada promessa de um renascer, a cada tentativa de camuflar a vivência marcada pelo desespero, percebemos o seu carácter artificial e superficial, onde a renovação, o início ilusório do novo ciclo deve ser considerado no seu oposto, pois contém uma ideia de finitude.

É neste jogo entre o exibido e o oculto, entre o manifesto e o latente, que se funda a clínica psicanalítica, que através de uma escuta clínica específica, procura aceder abaixo das superfícies enganadoras e ilusórias pois, subjacente à resolução do conflito, está uma noção de transformação e integração entre o novo e o velho, de onde surge a possibilidade da renovação e de operar uma reescrita.

Referências

- Afonso, J. A. Masculino e feminino: Alguns aspectos da perspectiva psicanalítica *Análise Psicológica* (2007), 3 (XXV): 331-342
- American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5° ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing
- Argentieri, S. (2009). Travestismo, transexualismo, transgêneros: identificação e imitação. *Jornal de Psicanálise*, (77), 167.
- Arnold , A. , Xu , J. , Grisham , W. , Chen , X. , Kim , Y.H. , & Itoh , Y. (2004). Minireview: Sex chromosomes and brain sexual differentiation. *Endocrinology*, 145 (3), 1057 – 1062
- Arnold , A.P. , Xu , J. , Grisham , W. , Chen , X. , Kim , Y.H. , & Itoh , Y. (2004). Minireview: Sex chromosomes and brain sexual differentiation. *Endocrinology*, 145 (3), 1057 – 1062
- Bao , A. , & Swaab , D. (2011). Sexual differentiation of the human brain: Relation to gender identity, sexual orientation, and neuropsychiatric disorders. *Frontiers in Neuroendocrinology*, 32 , 214 – 226
- Bao, A.; Swaab, D. (2001) Sexual differentiation of the human brain: Relation to gender identity, sexual orientation and neuropsychiatric disorders. *Frontiers in Neuroendocrinology*, 32(2), 214-226
- Benjamin, H. (1967). The Transsexual Phenomenon. *Transactions of The New York Academy of Science*, 29(4), 428-430.
- Chiland, C. (2005). *Exploring transsexualism*. London: Karnac.
- Dahl , E.K. (1988). Fantasies of gender. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 43 , 351 – 365
- David, C. (1975). Bisexualité psychique. *Revue Française de Psychanalyse*, 39 (5-6), 695-712
- David, C. (1975). La bisexualité psychique – Elements d’une réévaluation. *Revue Française de Psychanalyse*, 5-6, 713-729.
- Dutta, A. (2012) An Epistemology of Collusion: Hijras, Kothis and the Historical (Dis)continuity of Gender/Sexual Identities in Eastern India. *Gender & History*, 24(3), 825-849

- Elliot , P. (2001). A psychoanalytic reading of transsexual embodiment. *Studies in Gender and Sexuality*, 2 , 295 – 325
- Freud, S. (2009). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Lisboa: Relógio D'Água. (Obra original publicada em 1905).
- Gooren , L. (2006). The biology of human psychosexual differentiation. *Hormones and Behavior*, 50 , 589 – 601
- Gooren, L. (2006). the biology of human psychosexual differentiation. *Hormones and behavior*, 50, 589-601
- Green R. Mythological, historical and cross-cultural aspects of transsexualism. In: Denny D, editor. Current concepts in transgender identity. New York: Garland Publishing; 1998. p.3-14.
- Harris , A. (1996). Animated conversation: Embodying and gendering. *Gender and Psychoanalysis*, 1 , 361 – 383
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method. London: SAGE Publications.
- Kanodia, K. (2016). Bahuchara Mata: Liberatorm Protector and Mother of Hijras in Gurajat. *Intermountain West Journal of Religious Studies*, 7(1), 87-119
- Limentani, A. (1979). The significance of transsexualism in relation to some basic psychoanalytic concepts. *International Review of Psycho-Analysis*, 6, 139-153
- Lopes, A.(2017). Transexualidades: psicanálise e mitologia grega. *Estudos de Psicanálise*, (47), 47-71.
- Mahler , M.S. (1972). On the first three subphases of the separation-individuation process. *The International Journal of Psychoanalysis*, 53 , 333 – 338
- Marone P., Iacoella S., Cecchini M. G., Ravenna A. R., & Ruggieri, V. (1998). An experimental study of body image and perception in gender identity disorders.
- Marques, M. (2002) Sobre como é que as mulheres ficaram em silêncio - campos, sementes e sementeirtas. *Revista portuguesa de psicanálise*, 23, 55-74
- Marques, M. E. (1999). A psicologia clínica e o Rorschach (1ª ed.). Lisboa: Climepsi
- McDougall, J. (1989). The dead father: On early psychic trauma and its relation to disturbance in sexual identity and in creative activity. *International Journal of Psycho-Analysis*, 70, 205-219

Meyer , J.K. (1982). The theory of gender identity disorders. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 30 , 381 – 418

Oppenheimer , A. (1991). The wish for a sex change: A challenge to psychoanalysis? *The International Journal of Psychoanalysis*, 72 , 221 – 231

Ovídio. (2014). *Metamorfoses*. Lisboa: Cotovia.

Pinheiro, M. (2011). *Mitos e Lendas da Grécia Antiga*. Vila Franca de Xira: Clássica Editora.

Socarides , C.W. (1970). A psychoanalytic study of the desire for sexual transformation (“transsexualism”): The plaster-of-Paris man. *The International Journal of Psychoanalysis*, 51 , 341 – 349

Stoller, R. (1968). Further contribution to study of gender identity. *International Journal of Psychoanalysis*, 49 (2-3), 364-368

Stoller, R. (1982). *Experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago. (Tradução do original em língua inglesa *The transexual experiment*. London: Hogart Press, 1975).

Suchet , M. (2011). Crossing over. *The International Journal of Relational Perspectives*, 21 (2), 172 – 191

Troger, N. & Pinheiro, C. (2009). O Rorschach e a função materna no sujeito transexual. *Análise Psicológica*, 27(3), 319-330.

Yin, R. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman. *erview method*. London: SAGE Publications.

Anexos

Anexo A - Transcrição da Entrevista de José Maria

E – Entrevistador

J – José Maria

E: Conte-me como foi o seu processo de transformação corporal.

J: A princípio, quando eu comecei a transição eu estava numa fase onde eu tive uma grande desilusão, que foi a questão da minha universidade. Eu estava na universidade federal, queria tanto fazer esse curso... Tinha duas opções o curso de artes cénicas e o curso de artes visuais. A artes cénicas eu passei mas fui chumbado na prova técnica, quando eu cheguei atrasada ao exame, então fiquei na segunda opção para no ano seguinte eu tentar novamente arte cénica outra vez. Então, nesse período eu continuei estudando e vim de férias aqui em 2014, eu comecei a estudar e estive de férias aqui em 2014, fiquei 3 meses, depois voltei para o Brasil e vim outra vez de férias porque eu tinha cá uma pessoa que tinha uma relação comigo, que injetava financeiramente essas condições, injetava dinheiro para que eu pudesse vir para cá, não injetava dinheiro para eu pagar o meu curso... O curso foi por minha conta. O risco que eu levei por ir para o Brasil foi por minha conta e eu estava numa fase muito difícil que foi quando a minha esposa me atirou na justiça, exigindo pensão e aí nesse período eu fiquei à rasca porque eu não tinha dinheiro nem para pagar pensão, nem para estudar e nem para seguir minha vida. Fiquei praticamente parada no tempo e eu pensei pronto, eu vou ser presa, porque no Brasil lei de pensão funciona, e eu fiquei desesperada. Eu até esse período nunca tinha pensado na transição nem nada, só o cabelo a crescer mas sem pensar na possibilidade de ser trans, mas depois do curso sim, já tinha o plano de começar, de ingressar. Nessa altura eu era homem, casado com homem mas divorciado de mulher. Quando isso aconteceu eu tive que... eu tive que.... tive que vir para cá que eram outras férias outra vez em 2015, foi aí que eu já tinha mandado de prisão e cá eu não ia ser presa porque a lei de pensão não funciona. Mas aí eu fiquei desesperada, se eu for para o Brasil eu vou ser presa, eu não tenho como continuar a faculdade apesar de ser pública, eu não tinha condições de pagar a residência onde eu vivia então eu deixei tudo para trás, fiquei só com uma malinha de férias aqui... Comecei tudo do zero outra vez. E quando eu falo da transição é porque eu era o teco, eu matei o teco, eu matei o teco, mas em vez de eu matar o teco na questão física e morrer a *****, né se eu me suicidasse, eu preferi matar um e renascer como outro. Eu preferi começar tomando uma pílula que foi o hormônio, e aí eu tive uma outra visão da vida, fui-me sentido livre dessas dores, depois perdoei a minha esposa, voltei a ter contacto com os meus filhos, voltei a dar pensão mesmo sem ter obrigação

já que aqui não ia dar nada, entendeu? Só que trabalho que era bom, tive que voltar para a prostituição que eu já não queria mais fazer desde 2008, que eu não fazia, quando eu conheci o meu companheiro.

E: 2008?

J: Eu vim para cá em 2002, em Agosto de 2002, vim para cá pela primeira vez e não quis mais voltar. Na altura era casado, acabei trazendo a minha esposa para cá, a minha esposa não quis ficar cá e voltou para o Brasil. Eu fiquei cá mas eu tive que voltar por conta dela, foi quando eu voltei para o Brasil (2004), voltei, não consegui viver o casamento, me separei, e voltou para cá em 2005. Em 2005-2006 eu comecei a fazer a puta boy e nesse período, eu tinha 28-29-27 anos, eu passei a fazer a puta boy e fui levando uma vida confortável até conhecer meu companheiro e sair da vida e ir viver com ele (2008-2015). Eu fui para o Brasil em 2013, até 2015 ainda estava com ele, que foi quando eu vim para cá por conta dele, foi ele que mandou a passagem para eu vir, e viajámos para a França, quando viajámos para a França eu decidi acabar, já não tinha aquele... Eu estava numa fase difícil, e eu não via outra alternativa... Ele para já não queria me ajudar para eu continuar a estudar e nem tão pouco... porque ele achava que se me ajudasse eu ia ter asas e ele queria que eu fosse que nem cachorro que precisa de seu dono, ele não facilitava que eu crescesse e então isso me sufocava mais ainda, saber que eu tinha uma pessoa que me podia ajudar, financiar meus estudos, financiar o meu processo que estava rolando no Brasil, eu sou da *****, o processo circulou no ***** e eu morava na *****, eu não tinha condições de viajar para o ***** para resolver processo em tribunal, pensão, guarda de filhos, tenho dois filhos, têm ** anos agora, são gémeos, um menino e uma menina... Volto em 2015 de férias, como eu te disse eu queria concluir o curso e se um dia eu voltasse para Portugal seria já para fazer um mestrado, entendeu, eu queria voltar para cá já para fazer um mestrado... Esse cigarro é seu? Nesse período que eu comecei a transição foi quando eu já comecei a me sentir bem melhor nessa situação, voltei a falar com os meus filhos como eu te falei, voltei a conversar com ela, cheguei a Ela é da mesma área que você, ela faz psicologia, ela até se formou agora, e aí falei pra ela, olha *****, eu até pensava um dia fazer a transição mas eu não tinha essa necessidade já que eu tinha outros projetos em mente, o da transição eu deixei sempre para o último da vida, quando eu tivesse 60 anos como esse atleta que virou trans... Eu tinha sempre essa referência que seria mais tarde, quando a vida já não tivesse mais sentido pra mim, quando não houvesse mais sentido, não houvesse mais graça. A gente vai vivendo a vida por etapas, a gente vai chegar ao ponto e pensar assim o que é que eu posso

fazer agora não é, e saber que lá pra cima tem mais coisas para você fazer, porque chega a uma coisa e estagnou você pode dar cabo da sua vida e não querer mais viver, estou farta de viver... Eu nunca pensei assim estou farta, eu preocupava como seria a minha vida depois disso... Não tinha uma vida estável, eu não tinha o ensino fundamental completo, eu não tinha universidade, eu precisava fazer isso e não associar a transição com a prostituição como muitos vivem, eu queria fazer a transição longe da prostituição, eu imaginava fazer a transição já sendo professor numa universidade, ter o meu curso acadêmico, então eu pensava ser assim, esse seria o momento de fazer a transição, sem ter necessidade de fazer a prostituição e a puta ao mesmo tempo, só que as coisas encaminharam o contrário, encaminharam com antecedência, antecipou-se, eu tive que jubilar o meu curso, meu curso jubilou, quando o curso jubilou eu falei agora eu não posso fazer mais nada, eu já nem um nem outro, até o curso que eu ia iniciar eu já tinha perdido a vaga da inscrição e o curso que eu tinha que fazer para começar no próximo ano também já tinha jubilado, porque eu tinha uma data para voltar para o Brasil, era dia 22 de Janeiro... e aí eu perdi todo esse trabalho, todo esse esforço que eu tinha feito, e aí eu falei, agora eu vou começar mesmo, não tem jeito, vou começar a transição. Eu já não tinha condições de fazer ou a puta boy ou ir para um café, eu ainda trabalhei num asilo no ***** com 17 velhinhas, trabalhava das 8 da noite, eu saía daqui por volta das 3/4 horas, ia no cais do sodré, pegava o comboio para lá, chegava lá por volta das 8, era para entrar às 8, saía por volta das 10 da manhã, chegava aqui em casa à uma ou duas da tarde...

O meu corpo não me agradava, já não tinha o vigor da idade que tinha aos 25 ou 30 anos sabe? Já sentia velho, já precisava de uma nova repaginada, entendeu, o facto de eu estar insatisfeito com o meu corpo só antecipou. Eu por exemplo, dentro de minha casa, me vestia e não tinha coragem de ir à rua. Tinha peruca, tinha roupa, tinha e tenho, roupa que utilizava na altura que era boy entendeu? Eu até hoje conheço gente que vive assim, essas duas personalidades, só que eu não tinha duas personalidades, eu tinha uma personalidade tentando florir enquanto a outra era oprimida. Eu vivia uma opressão comigo mesmo, não era uma opressão vinda dos outros, pra já porque eu não estava na minha casa, não estava no meu país, eu vivia uma opressão que eu mesmo criei, então eu acho que entrei para a universidade, quando eu vi que já tinha perdido tudo isso, aquilo foi como se fosse uma porta, ou você vai agora ou você não vai mais, porque é um caminho sem volta. Eu agora tinha marcado uma cirurgia para o peito, era dia 27 de junho que passou agora, eu ia colocar o silicone em ***** com o Dr. *****, não coloquei porque um amigo meu estava em dívida, praticamente uns 3 ou 4 meses de aluguer atrasado, por volta de 650 o aluguer dele, eu tinha feito a viagem de 15 dias à Alemanha para ver se ele levantava um

dinheiro, ele se endividou mais ainda, ainda tive que emprestar 850 para ele, para ele dar uma parte e segurar o senhorio que estava fazendo muita pressão. Nessa viagem eu não pude deixar ele sozinho porque ele está viajando a trabalho, fazer uns trabalhos pela Bélgica, fazer uns trabalhos pela França, pela Alemanha, como eu tive que ficar mais tempo aí eu perdi meu peito. Esse processo só retardou o que eu quero antecipar... adiantar. Eu não posso antecipar tudo, tudo tem a sua hora, eu agora estou no laser e no hormônio, e no electrólise, ... Isso é super dolorido, eu não posso agora antecipar o laser e fazer um ácido para fechar mais os poros e deixar a pele mais fina, eu não posso aplicar preenchimento enquanto não ter a certeza que vou pegar um cirurgião que faça isso bem e não deforme o meu rosto, então é tudo muito lento...

E: Disse há pouco que sentia que o teco estava a morrer.

J: Isso, ou eu iniciava a transição ou eu tomava logo um veneno e morria porque eu já estava sem perspectiva, porque,... eu já tinha vivido todo o glamour de uma vida rica, eu venho de uma família pobre, vivi num mundo que eu nunca tive, ele era milionário, tinha uma casa fantástica, o meu quarto era do tamanho desse apartamento lá no *****, um lago artificial à volta do meu quarto com barco dentro do lago, tinha carro, ia para dubai, ia para tailândia, viajava o mundo afora mas não estava feliz. A princípio sentia-se bem mas depois cadê a felicidade? E outra, a segurança desse casamento não estava no papel, era só união de facto... e se esse homem falecesse o que ia ser da minha vida? Então eu sempre presava pelo meu futuro, quando eu comecei a entrar na fase dos 35/36, o futuro começou a pesar... Aos 25/20 era tudo oba oba, o que vinha era lucro, entendeu? Eu acho que te conheço... Você não lembra de mim?

E: Como foi a sua infância?

J: Eu vivia numa vila muito pequenina, cerca de 3 mil habitantes, se via sempre lá gay, mas gay sempre com aspecto feminino, na *****, era uma zona com um pouco mais de 3000 habitantes, é muito pequeno, praticamente é a minha segunda casa porque eu conheço todo o mundo, eu tenho lá a casa física que é a casa da minha mãe mas eu conhecia todo o mundo, é como se fosse uma grande família, então, quando se via um gay era sempre um gay com postura masculina, podia até ter os trejeitos, mas estava sempre vestido como um homem, eu nunca tive trans como referência e eu tinha um amigo que dizia para mim, um dia você vai ser travesti, um dia você vai ser travesti, e eu lutava com ele e dizia que não, eu não vou para esse lado, eu nunca serei, eu dizia sempre... Eu no outro dia falei isso pra ele, lembra que você dizia que um dia eu seria travesti e um lindo travesti? Ele falou eu sempre vi isso em você mas eu nunca vi

isso em mim, era eu que me negava devido à criação... Quando eu cheguei aqui que foi quando eu tive contacto com travesti e trans, foi aqui que eu me soltei mais, mas tudo dentro quatro paredes, eu dentro de minha casa eu gostava sempre de transar, nunca gostei de transar com gay muito escancarado mesmo que fosse um gay macho, eu não importava que fosse gay feminino, eu sempre tive relações com mulheres também, eu fui, eu sou bissexual, não tenho assim nenhuma restrição, mas assim a nível de realização eu sempre gostava de saber que a pessoa era hetero para eu ter um papel mais feminino, mesmo que eu fizesse a ativa ou passiva, teria que ser hetero, então eu buscava sempre ter relações com rapazes hetero e para atrair esses heteros o que é que eu teria que fazer? Teria que botar peruca, arrumar cabelo, me vestir de mulher, mesmo que seja nas redes sociais, criava perfis fake e atraía esses rapazes já que na rua em não ia me expor. Só saí na rua antes de fazer a transição talvez duas vezes, uma foi quando me deram o nome ***** que ficou até hoje... Fui na *****, a um bar na *****, então foi de casa pra boate e da boate para casa. Eu tinha um amigo próximo que foi, se vestiu na minha frente e eu fiquei encantado com aquilo e me estimulou... Eu recebi na minha casa na altura o *****, que tem um salão ali, ele fazia isso já no Brasil, já saía vestido de mulher para a balada, eu nunca tinha visto um amigo quem fizesse isso, aí eu me interessei e também fui... Uma coisa é ver travesti outra é trans que já tem o corpo alterado, modificado. Por eu fazer escultura eu sempre... como os asiáticos, tem o ocidental e o oriental, são perspectivas das artes diferentes, um culto ao corpo, você vê nas obras do Louvre, você vê muito nú, muita escultura grega, enquanto o outro cultiva a arte, o bambu, a natureza, a paisagem, entendeu? Então são concepções diferentes e eu sempre gostei da parte do corpo, do nú, da escultura, é isso que me atraía, e muitas vezes eu tomava na altura.... Quando eu desenvolvi o meu corpo masculino, quando eu comecei a entrar na idade da puberdade, eu me negava a ter o corpo feminino, eu tomava anabolizante masculino e fazia ginásio, sempre fiz ginásio, a minha vida foi o ginásio para desenvolver músculo, porque sentia que o meu corpo era pouco masculino, eu me sentia mal, porque as pessoas me enquadravam como feminino e como gay... Eu não me enquadrava nisso, eu não gostava disso porque eu me negava à transição. Eu não me arrependo de não ter começado mais cedo porque eu também vivi bons momentos na minha vida e eu adoro poder falar isso, eu vivi bons momentos na minha vida, mas eu espero também agora nessa nova fase viver outros momentos que jamais pensei em viver. É gostoso você estar na rua e as pessoas sentem mesmo tesão por ti, sabe? O facto de chegar aqui um cliente que paga pra mim, meu deus este homem poderia comer qualquer mulher que ele quisesse e ele está pagando para trepar comigo, a media que me procura, tudo isso enfatiza, tudo isso só lhe dá combustível para você seguir, coisa que se eu tivesse feito isso mais cedo eu estaria hoje uma outra pessoa... Eu ainda

tenho todos os traços masculinos da altura porque eu ainda não fiz nenhuma cirurgia plástica, só tenho feito introdução de hormônio e laser como eu te falei. Depois de acabar isso, vem cirurgia plástica, preenchimento facial, um butox ou outro... Se eu mostro uma foto minha do antes e hoje ainda tem muita semelhança, não está descartada a semelhança. Quem me conheceu antes me reconhece hoje, quem não conviveu comigo antes e conviver comigo hoje talvez sinta essa diferença, mas eu ainda mantenho os traços de antes, só deixei o cabelo crescer, unha que pinto, essas coisas....

E: Mantém alguns traços.

J: É, isso não é ruim, não vejo isso pelo lado negativo, ao início eu não me queria sentir o macho de saia, eu quero ser o mais discreto possível, eu não quero ser, pintar a minha cara como um palhaço, assim muito pesado, eu vou na rua e as pessoas não precisam de saber que sou trans... Eu não me importo que saibam que eu sou trans mas também não quero ser o trans motivo de chacota, de piada, eu quero que as pessoas vejam que é um trans porque eu não quero tirar essa minha identidade e individualidade, que eu não vou apagar, mas também não quero ser o palhaço da história... Tem muito trans que a gente vê descaradamente que abusa na questão do excesso de maquiagem, é como se fosse uma outra pessoa e isso pra mim não me enfatiza, o que me enfatiza é o natural... Logo quando eu era garoto eu já tinha traços femininos tanto que eu não coloquei silicone na minha bunda, a única coisa que cresceu em mim foi o peito, o meu corpo se formou de uma forma espontânea, se eu tivesse tido orientação mais cedo e fosse acompanhada... Eu não tive pai, minha mãe morreu, meu pai morreu eu tinha 2 anos, logo em seguida tinha um irmão acabado de nascer que foi o que faleceu, éramos 9 comigo 10, então eu fiz tudo sozinha, não tinha uma atenção específica, vivia numa vila onde a gente não tinha informação, só através da televisão, os livros a que tínhamos acesso eram os livros da escola, eu não tinha uma referência, falava-se em travesti mas eu não sabia da transexualidade, sabia de travesti, só que de travesti isso me incomodava um pouco, como eu te falei, eu não quero ser taxada como macho de saia, eu aprecio uma coisa quando ela é natural, espontânea... Quando eu tomei a primeira pílula, cara aquilo como se eu tivesse, eu nunca tomei droga, eu nunca cheirei, eu já experimentei mas eu não vi efeito na cocaína e maconha, só experimentei, não sou adepta. No outro dia alguém deixou aqui e quem cheirou foi esse de azul, isso não faz a minha cabeça. Quando eu tomei o meu primeiro hormônio, cara a alegria, a expectativa era tão grande... Quando eu comecei a sentir a primeira dorzinha aqui, como quando você está na adolescência que vai nascendo aquele, a pedra do peito, aquilo foi como se eu estivesse

renascendo, foi como se você pegasse uma planta que estava seca precisando de água, deu água e ela começou a ... foi uma libertação tão grande tão grande tão grande que eu não me arrependo de nada do que fiz e fora as dores que eu estou passando. Tenho sofrido muito com as aplicações do electrólise, tenho nova marcação para o dia 29, isso é muito dolorido, mas o facto de ser dolorido não quer dizer que eu deva desistir, não me dá uma pedra na frente, me dá mais desejo, mais desejo, mais desejo de seguir em frente, me dá mais impulso, porque eu vou vendo resultado. E foi sempre assim a minha vida, foi sempre focada apesar de eu ter uma situação que tinha um companheiro com um poder aquisitivo muito alto, sempre tive paralelo a ele essa situação. Tinha um apartamento dele ali no bairro alto, no príncipe real e eu me vestia lá... eu tinha sempre uns sapatos escondidos e eu me vestia... Ele achava que por eu ser ator, por gostar das artes cénicas que era por diversão, mas aquilo não era só por diversão, aquilo era libertação temporária, como muitos precisam de fumar uma coca ou uma maconha, era mais ou menos essa necessidade e eu sentia isso quando estávamos no *****, quando chegávamos a lisboa eu queria isso, eu queria isso, mas eu sabia que depois aquilo tudo ia acabar, tirava tudo e depois ia para a rua como se nada fosse. Depois para eu ter assumido agora assim foi só esta fase que agora te falei, eu não pensava passar por isso, só precisava passar por isso para desvincular isso de sempre ter uma altura certa para me vestir, para me despir... Porque meu companheiro viu eu fazer algumas brincadeiras assim dentro de casa, mas eu não me vestia para ter sexo com ele, eu me vestia por gostar, mas nunca passou na cabeça dele que eu poderia deixá-lo por causa da transexualidade, ele nunca poderia ter imaginado isso. Mas foi assim.... Ele começou a ver que o peito estava crescendo, ele viu o peito crescer, ele comentou até uma vez comigo, seus peitos estão ficando grandes, está ficando um peitinho bonitinho, dava pra ver que não era aquele peito de quando a gente malha, estava a desenvolver já o peitinho de menininha quando está a fazer 15 anos... Ele comentou uma vez. Nós fizemos uma viagem e nessa viagem eu tive que pensar se continuava a transição, se eu parava a transição ou se eu continuava a relação. Foi aí que eu dei um basta. A gente só trocou 3 mails. Eu mandei um falando do meu sonho que tinha tido e da tradução do meu sonho que encontrei na internet, para ver o que o sonho queria dizer. Não é que eu acreditasse nisso mas eu queria uma referência, então mostrei pra ele o que o sonho dizia e ele deu a resposta...

E: Conte-me o seu sonho.

J: Eu sonhei com uma coruja, eu sonhei que eu pegava uma coruja e tirava as penas, tirava as peles da coruja, depenava a coruja toda.... Eu não lembro bem do sonho mas eu lembro desse

elemento. E eu comentei com ele à mesa enquanto a gente tomava café na França... Fiquei com aquilo na cabeça e fui pesquisar na internet, quando pesquisei na internet eu mandei um mail pra ele e ele me disse que já estava percebendo e que eu deveria seguir o meu caminho, eu mandei outro e ele não respondeu e ficamos assim, foram 3 trocas de mail. Duas minha e uma dele. A gente nunca mais se viu, a gente ainda não teve conversa direta como eu estou tendo aqui contigo... E é isso, acho que já falei tudo...

E: Fale-me um pouco da sua infância.

J: A minha infância foi como a de todos os rapazes da minha geração, nós não tínhamos essa questão das redes sociais, não existia esses telefones tocando, não tinha nada disso, a gente tinha que inventar os nossos brinquedos, aproveitar as estações do ano para fazer determinada brincadeira... Eu tive uma infância muito tranquila mas eu tinha um problema de nervosismo muito alto, eu me estressava com qualquer coisa que falassem de veadozinho, bichinha, quando me encaixavam com esse tipo de coisa eu não gostava. Eu queria sempre ser igual aos outros meninos, namorar meninas, eu sempre tive namoradinha, tanto que aos 25 anos eu casei, essa foi a minha última mulher, tive algumas outras esporadicamente, no carnaval de 2014 no Brasil saí com uma argentina e fomos para a cama, mas tive porque calhou eu não procurei... Foi oportuno e rolou, só isso. Mas eu para viver uma vida afetiva, depois dessa nunca mais quis ter... Pela referência da minha infância tinha que ter essa vida mas quando se chega à idade adulta a realidade já é outra, eu sempre fugi, praticamente eu mesmo me retalhei quanto a isso, eu mesmo me cobrava de mim mesmo, eu não tinha nenhum problema psicológico aparentemente, não atirava pedra como se costuma dizer mas eu me sentia bem, mesmo em sítios gay eu me sentia um pouco desconfortável e em lugares heteros eu tinha medo da violência por ser um pouco mais feminino... Mas eu sempre gostei do universo hetero, sempre gostei do mundo hetero, de maneira que eu até casei não é? Não só gostava como casei. Eu casei porque engravidei ela, o casamento vem como consequência de uma gravidez e ficamos casados por volta de dois anos. Mas você perguntou sobre a minha adolescência e eu já tou meia perdida... Eu tinha uma adolescência feliz quando eu estava assim fora dos olhos dos meus irmãos, dos olhos de alguém que me fosse reprimir, aí eu vivia, eu não me preocupava, mas era aquela coisa, à frente era uma coisa por trás seria outra... Eu tinha essa condição, de algumas vezes estar a fazer coisas e depois chegava ao ouvido da minha mãe e ela me condenava, ela me retalhava, muitas vezes tinha isso... Quando eu fui desenvolvendo o meu corpo, já praticava sexo tanto com meninos como com meninas, nunca tive dificuldade nisso, o único problema é

que eu não poderia imaginar que um dia eu seria transexual, nunca imaginei, nunca nunca nunca.

E: Nunca imaginou?

J: Nunca, porque eu achava que tinha um certo controle, eu achava que eu poderia me controlar, até à minha adolescência, depois na vida adulta as coisas já foi, já vim viver cá, as coisas já foi abrindo né, eu já tinha um projeto para no futuro experimentar, já que eu sou muito vanguardista, eu sou muito para a frente... À frente da minha mãe eu fazia coisa do arco da velha, por detrás, agora na frente eu era mais tranquilo, um santinho. Então quando eu comecei a pensar na transição já foi na fase onde eu já não sentia confortável comigo mesmo. Foi em 2013 para 2014, quando eu comecei a criar cabelo e depois em 2015 foi quando eu comecei a tomar hormônio, quando o meu casamento com o meu companheiro terminou.

E: Pode contar-me como era a sua relação com a sua mãe.

J: Como eu não queria dar esse desgosto à minha mãe eu sempre evitei fazer na frente dela aquilo que eu sou. Tanto que quando ela faleceu eu praticamente tive a minha carta de alforria. Quando a minha mãe faleceu eu tive a minha carta de alforria. Veio tudo dentro do compasso. A minha mãe faleceu em 2014, os processos veio-se acumulando até 2015, se eu não tivesse esse marido eu não tinha vindo para Portugal porque eu não tinha dinheiro para isso, entendeu? Já tinha a passagem comprada e eu vim só com a malinha de férias, eu tive que me desfazer de todas as minhas roupas lá, desfazer das coisas que tive aqui e pegar essa casa sem nada e ter que colocar tudo nessa casa. Para já eu nem queira morar aqui nesse bairro, queria voltar a morar em bairros em que eu gostei de morar, campo de *****, *****, onde os apartamentos eram bem melhores, eu adorava voltar a viver em ***** ou ***** e ter que morar aqui... só que como a senhoria faz vista grossa...

E: Estava a falar da sua mãe.

J: A minha mãe ia me condenar se me visse assim então eu não me ia sentir bem... Com os meus irmãos eu nunca me incomodei, nunca me incomodei. Éramos 10 no total, 3 rapazes e 6 raparigas, comigo eram 4, então éramos 10 no total. Eu nunca liguei para irmão sempre tive referência com minha mãe. Tia, eu nunca liguei para o que tia falava, o que irmão falasse, não, nunca me preocupei com isso. Sempre tive uma relação próxima com eles e com minha mãe, tanto que nos últimos dias de vida dela era eu que estava do lado dela. Eu estava na fase da

universidade, estudando e acompanhando ela nos hospitais, quando eu cheguei aqui ela já tinha dado a primeira fase do AVC, ficou com um pouco de sequela e assim foi tendo AVC um atrás do outro até dar falência de múltiplos órgãos, e veio a falecer. Pra mim eu pedia para que ela falecesse porque eu estava vendo a minha mãe a ficar assim pequenininha, ia reduzindo, teve amputação das pernas, meus irmãos não assinaram para ela ser amputada das pernas, tive eu que ganhar coragem de assinar, porque eu acho que se eu estivesse numa situação dessas ela também faria o mesmo e então eu assinei e o médico preferiu não amputar o pé mas só um dedo, e como ela foi diminuindo ela foi ganhando algumas escaras e essas escaras eram pelo facto de ela estar ali na cama e aí o que acontece, ela acabou por perder só um dedinho mas mesmo assim acabou por não durar muito tempo, faleceu, acho que o médico quis poupar ela do sofrimento, em vez de amputar uma perna que é amputar aqui à volta acima do joelho, talvez até um pouco mais acima que estava lá no contrato, eu li o contrato todo, todas as cláusulas, eu tive que assinar aquilo porque nenhum dos meus irmãos estava capaz de... Eu praticamente morei dentro do hospital, fui para o hospital só com a roupa do corpo, eu não tinha permissão de ficar lá muito tempo, eu ficava escondida no hospital,... Lembro que umas irmãs foram lá e levaram duas peças de roupa porque eu não podia estar lá de mochila, aí eu estava sempre trocando cueca, estendendo cueca, lavando cueca, dormindo eu ficava sem cueca era uma coisa assim... Era isso, ficava de cueca e lavava, não, ficava sem e lavava e estendia ela ali na grade coisa e tal tudo escondido porque eu não tinha permissão para ficar ao lado dela mas eu fiquei lá escondido mais de 27 dias com ela dentro do hospital. Nessa altura eu precisava estudar, eu fui convidado para participar da bienal, que é um evento grandioso, quando o Brasil passou pela ditadura eles boicotaram, eles tiraram este evento do calendário das artes lá na *****, então a ***** ficou sem a bienal mais de sessenta anos, ou sessenta ou trinta e pouco, uma coisa assim, não foi muito mais, por conta do regime militar. E quando eu fui um dos artistas convidados para essa bienal foi um momento grandioso na minha carreira e na minha vida, já que só se participava por convite. Eu fazia escultura e o meu trabalho foi sobre o tema da homoafetividade, era uma casa construída em barro com técnicas indígenas e muito comuns ali da minha zona, chama-se *****, e essa casa tinha uns blocos em madeira onde ficavam esculturas penduradas por um fio.... Então como o tema era a homoafetividade eu abordei esse tema e foi um trabalho onde as peças eram mesmo de sexo explícito, gays transando em posições explícitas sexuais, e esse espaço tinha uma luz baixa, entravam por vez 8 pessoas, cada uma segurando uma lanterna para ver detalhes da escultura... Era um luz vinda da sua lanterna onde você poderia ver, você decidia se você queria ver zonas genitais ou não, você escolhia o que você queria ver, você seria o voyeur daquela situação. Esse trabalho fez muito sucesso, eu

ganhei dinheiro com esse trabalho porque eles pagaram-me para isso, mas isso foi em 2014, então nessa altura eu estava no auge, minha mãe tinha acabado de falecer quando eu realizei a bienal. Eu estava estudando, acompanhando a minha mãe no hospital e produzir para a bienal, então eu estava num forvilhão, sem contar que esse meu companheiro não me mandava um cêntimo, um cêntimo, nunca me mandou um cêntimo, e eu por orgulho também não queria que ele mandasse porque eu queria mostrar para ele que eu consegui... Mas eu não vou negar, as passagens ele mandava, se eu quisesse vir para Portugal, amanhã estava no meu mail a passagem, isso ele mandava, mas ele nunca perguntou se eu precisava de dinheiro e eu também nunca pedi, eu até comentava, está difícil mas eu estou conseguindo, eu estou dando a volta, eu comentava mas ele nunca perguntou se eu queria. Se ele mandasse eu ia aproveitar o dinheiro, lógico que eu ia aproveitar, lógico que era bem vindo, eu não ia devolver.

E: Quais são os seus planos para o futuro?

J: O futuro é voltar para a universidade. O meu futuro é concluir agora o meu casamento porque eu agora vou casar mesmo, vou casar sem festa, sem aquele circo de cerimónia, para mim é um contrato, ele casando comigo vou alterar já o pedido de residência e vou estudar, o que eu quero fazer é voltar para a universidade.

E: E em termos de transformação corporal no seu processo de mudança de género?

J: A transformação é continuar, vai chegar a uma altura que a idade vai chegar e consoante a idade vai-se fazendo uma cirurgia plástica aqui outra acolá, outra aqui outra acolá, eu já tenho uma reserva para isso. Antigamente eu pensava juntar dinheiro para adquirir um imóvel, eu tenho uma casa no Brasil, que é minha, hoje em dia já não penso assim, eu penso guardar dinheiro para o meu bem-estar físico, já que isso me dá grande prazer e vou levar para o caixão comigo.... Então eu não vou deixar fortuna para os filhos estarem brigando, até penso em mim... As únicas coisas que eu não posso controlar é o tempo, porque dinheiro hoje em dia eu tenho, só não tenho é condições de fazer tudo de uma vez, até mesmo o médico só quer me operar depois de janeiro. Vou ter que fazer tudo, vou fazer lipoescultura, botar mama, feminilização facial,... eu só não vou mais além porque eu já tenho estrutura para isso, já nasci com bunda, já tenho uma boa perna, então eu tenho um corpo torneado e preciso só de uns toque, do busto, fazer a cintura feminina, e para isso é preciso a cirurgia plástica, mas mesmo assim os cirurgiões só operam dentro do seu tempo. Primeiro eu vou fazer o peito, era para ter feito no dia 27 de julho, perdi, agora só tenho vaga em janeiro, vou esperar até janeiro, e para janeiro eu já marco

a lipoescultura... Eu pensava que este ano eu já ia estar toda transformada agora vejo que vai ser o ano que vem... Só não penso retirar o pênis, isso eu nunca pensei, nunca pensei porque eu tenho resolvido isso na minha cabeça, o que me enfatiza é o corpo, o pênis é um órgão que não me dá nenhuma estranheza, não me incomoda em nada, eu ando nua aqui em casa o tempo todo, como eu estou agora, com este pano e todo nu por baixo, totalmente em pêlo, eu não tenho nenhum pudor quanto ao meu pênis, eu gosto do meu pênis, eu só posso um dia tirar se ele não estiver a funcionar, aí eu tiro aquela pele morta, mas fora isso não... Uns falam que goza outros que não, e aí e se não goza, vai ficar castrado? No meu top sexual eu ainda sinto tesão eu ainda gozo, e se isso não vem a acontecer? Tenho uma amiga que em 2 ou 3 anos depois de operar nunca gozou, nunca gozou, outras dizem que goza, outras não... Sendo que a vagina que eles fazem nem é muito parecida com a vagina feminina, então pra que mexer nisso? O meu objectivo do corpo é ter prazer, eu não posso tirar meu pênis se ele é uma fonte de prazer. Muitas delas ficam malucas e praticam suicídio, desorientadas que ficam por tirar, eu não quero isso não.

Anexo B - Transcrição da Entrevista de Maria José

E – Entrevistador

M – Maria José

E: Tendo em conta que já passou algum tempo desde a última entrevista, pergunto-lhe como tem vivido o seu processo de mudança de género.

M: Para mim tem sido a mesma coisa daquele tempo passado. Agora tem um diferença devido a isso, com o tempo a gente vai buscando cada vez mais a perfeição, mais feminina, no caso eu implantei o silicone, coisa que eu não tinha, o que tinha era um peito hormonal, apesar de ser grande por ser hormonal não dava uma certa segurança porque eu tinha que me encher de hormônios e isso me causava uma certa taxa de humor, alta, baixa, ... eu tinha picos de nervosismos assim muito fluentes, qualquer coisa eu me estressava, então hoje eu estou mais tranquila devido a esse pormenor e a tendência é melhorar cada vez mais... Depois daqui tentar fazer uma feminilização facial, adequar o corpo, no caso fazendo uma lipoescultura e assim vou estar muito mais, como posso dizer, mais ... mais inserida na sociedade sem aquele resquício de ... ai, será que está a olhar para mim porque eu sou homem? ... E é isso. Agora estou mais segura.

E: Sente-se mais segura.

M: É, como eu te falei na primeira entrevista eu nunca gostei de me vestir de mulher e sair à rua, eu nunca tive essa intenção de me vestir de mulher, eu não sentia esse desejo, eu me vestia dentro de casa mas eu me sentia protegida, mas eu não tinha essa audácia. Quando eu comecei a minha transformação a minha preocupação era mais o pessoal imaginar que eu era um homem de saia e não um trans, tanto que eu nunca nunca fui capaz mesmo em balada gay de ir vestida de mulher, sempre fui de homem, sempre me senti mais protegido de homem, tinha um grande medo de sofrer alguma represália, alguma piada por eu estar vestido de mulher... Agora eu faço essas coisas, não vou mais a sítios gays como antes, praticamente desde que fiz a transição se eu fui alguma vez a um sitio gay não lembro de nenhuma das vezes. Desde que comecei, há dois anos atrás, nunca mais fui e eu ia muito pouco também, não era um sitio com que me identificava, eu ia mais pelas influências que tinha, pelas oportunidades de ter amigos que estavam lá e iam, eu sempre me identifiquei com lugares héteros mas também tinha medo de ir a lugares héteros e sofrer represália por ser uma marica, era aquela coisa se correr o bicho pega, se ficar o bicho come, não sabia para onde me direccionar. É lógico que em sítios gay eu tinha

mais proteção do que em sítios hétero. Eu sempre me senti atraído pelos homens heterossexuais e não pelos gays, nunca tive atração sexual tão aflorada por gay como tenho por heteros, basta dizer que é hetero que eu fico muito mais aguçada, entendeu?

E: Disse há pouco que agora se sentia mais segura.

M: Sim, pelo facto de eu estar muito mais próximo ao feminino, à figura feminina, portanto o tempo é que nos vai ajudando, pelo menos a mim vem-me ajudando... Com o passar do tempo eu vou adequando com as cirurgias plásticas, a prática de utilizar maquilhagem, a maneira de se comportar, às vezes mesmo tentar falar um pouco mais baixo, é como se fosse uma reeducação, é tentar estar mais próximo do aspecto feminino possível sem ser tão agressivo, sem ter aquela questão de ser um homem de saia que é aquilo que eu detesto. Sentir como uma drag queen sabe? Eu não quero ser travesti, eu me enquadro como trans. Apesar de eu ter ainda o meu órgão sexual isso nunca foi um tabu para mim, eu não me sinto incomodada com o meu corpo nem nunca senti quando era mais jovem. Eu sentia só essa necessidade de um dia florar, de um dia botar para fora aquilo que eu gostaria de viver, mas eu nunca me castiguei por ter um corpo diferente, porque eu já me sentia , já.... Quando eu falo com as minhas amigas, elas às vezes falam para mim, mas porque você tomou essa decisão agora tão tarde e eu falo para mim não faz nenhuma diferença eu ter tomado antes ou depois, talvez eu não tomei antes por questão da educação, as neuras que eu tinha da minha influência, da minha família, então tudo isso me deixou um pouco mais retraída, hoje em dia estou mais livre pelo facto de eu estar envelhecendo e eu tenho autonomia daquilo que eu quero ser. É diferente de antes que eu dependia de mãe, dependia do seio da família para tentar ser aceito, hoje um dia eu não necessito, não é necessário esse seio, ou me aceita ou... não tem essa necessidade, estou-me nas tintas como se diz aqui em Portugal.

E: Falou à pouco de uma reeducação.

M: É, o tom de voz, eu tenho a voz ainda grave porque eu virei trans há dois anos, então eu vivi 39 anos com voz masculina, então hoje em dia, tento trazer a figura feminina de todo o jeito. E como se faz? Se reeducando, melhorando o timbre de voz, o comportamento também é importante, a forma de agir, porque... por mais que a gente se torne trans da noite para o dia como foi o meu caso, foi mesmo da noite para o dia, quando eu decidi foi assim de vez, eu não comecei vestindo saia, botando peruca sabe, eu não fui experimentando, eu fui decidida de vez. Comecei do zero logo com hormônio, fui directo para o hormônio, em 3 meses eu já estava

alterando o meu corpo e alterando o meu guarda roupa... Lembro que esse último saldo que eu fui na Zara eu comprei um monte de roupa masculina que eu nem usei, porque eu não tinha intenção naquela altura de alterar o corpo. Eu lembro que dessa vez eu também comprei um sapato feminino, foi o meu primeiro sapato feminino. E depois desse sapato feminino, foi mais ou menos o boom assim quando a minha colega me ofereceu uma partida de hormônio, quando eu tomei já fui mudando todo o meu pensamento e aí eu não parei mais. Fui sempre tentando ficar mais feminina, buscando maneira de me enquadrar cada vez mais no espelho que é uma mulher. Por conta dessa questão do preconceito... Essa questão quando era muito escancarada, quando está assim muito exposta, por mais que a pessoa perceba que é uma figura feminina, por falta de respeito trata a gente como masculino, faz como piada mas ofende, é como se fosse um *bullying*, só que o que acontece é que para mim, por eu estar buscando uma maneira de ficar mais feminina e sofrer esse tipo de ofensa é triste, é como se o meu resultado, como se o meu esforço não estivesse valendo a pena. Hoje mesmo fui ter com o advogado e ela perguntou, como é que você gosta de ser tratada? Eu falei assim, eu gosto de ser tratada por ela, e ela falou, por ela eu sei que você gosta de ser chamada, mas eu quero que você me diga o seu nome porque eu não sei o seu nome, ela queria saber o meu nome, não sei como fala esse nome, nome de agora, o nome do registo ela já sabia....

E: E qual é o seu nome de registo?

M: É *****. (Ri) É ***** , que é José e Maria. No Brasil ***** é para quem nasce no Natal, é José e Maria, se eu tivesse nascido em Portugal seria ***** mas no Brasil fica ***** , então misturou José e Maria. Como eu nasci no período de Natal, dia **, eu levei esse nome, para mim esse nome é um horror, é um peso, é um nome horroso, não gosto, acho horrível, nunca gostei do meu nome e sempre tive complexo por conta do meu nome ser *****. É um nome que no Brasil não é muito comum, encontra-se ***** por todo o lado, mas não é como ***** , Pedro, António... ***** .., eu nunca topei meu nome. Não é pelo facto de... Até poderia ser ***** , ou qualquer outro nome mas ***** não, não gosto, mas vou levando... E fiz a adequação de ***** para o Teco, tinha muito mais a ver com a minha pessoa, porque o nome condiz muito com a personalidade e o nome ***** é um nome muito sério, que vem de José e Maria e tem aquela coisa de ser uma pessoa muito prendada e religiosa e eu não sou nada disso, eu gosto de tudo misturado (ri), então Teco tinha uma certa graça por ser também um avião teco-teco, eu tinha uma roupa que tinha esse avião teco-teco e eu ficava apontando assim teco teco teco e os meus irmãos me começaram a chamar assim Teco. E depois tem aqueles

esquilos da Walt Disney, eles gostavam muito de aprontar, um mais abestalhado e outro mais esperto, Tico e Teco. Você me deixa falando falando....

E: Disse-me na outra entrevista que a ***** nasceu do Teco.

M: Mas isso foi por causa de uma situação pessoal que eu perdi que foi a minha universidade, eu estava a seguir a universidade porque eu queria pelo menos quando fosse virar trans, eu sempre vivi achando que na velhice eu ia virar um trans, eu não imaginei que eu pudesse alterar o meu corpo tão bruscamente como eu fiz agora, mas eu achava que na minha velhice eu ia viver vestido de mulher, criar um personagem ali paralelo ao meu, quando eu fosse comprar o pão eu tirava, quando estivesse em casa eu punha, era assim que eu fazia muitas vezes... E eu achei que eu ia viver assim na minha velhice. Só que quando eu tive esse trauma que foi a perda da minha universidade, quando eu perdi a minha universidade que era tanto o que eu queria, a universidade federal. Eu deixei Portugal em 2012-2013 para estudar no Brasil. Quando eu deixei Portugal, eu estava só com o ensino médio, não ensino fundamental, eu não tinha o ensino fundamental, era só o ensino médio, então foi muita garra o que eu consegui, uma universidade federal porque é o top no Brasil. eu consegui essa vaga e estava estudando, aí com a situação do divórcio, a minha esposa quis me ferrar, ela ficou muito má comigo depois disso, amor recolhido se torna ódio... E nesse período, quando ela me jogou na justiça eu acabei ficando sem perspectiva, eu perdi o sentido da vida, ai meu Deus o que é que eu vou fazer agora já chegando aos 40 anos, eu me dediquei tanto a isso, eu abri mão de Portugal, eu poderia buscar outras formas aqui de estar viva, pelo menos material, e eu vim pelo caminho mais certo, pelo estudo e tal e agora estou sem saber o que fazer... E nessa altura que eu estava em Portugal eu tinha um caso com uma pessoa mais velha, eu te contei, que tinha um status de vida muito mais acentuado que o meu e me dava a possibilidade de eu vir a Portugal quando eu quisesse e eu vim nas minhas férias, e foi nessa última fêria que eu vim que eu não voltei mais por conta desses processos que a ex-esposa jogou na justiça. Eu fiquei muito decepcionada e foi quando eu resolvi matar definitivamente o Teco e seguir uma nova vida e para mim a coisa mais interessante seria eu fazer essa transição, já que esse caminho ia ser muito mais longo ia demorar mais, então eu resolvi antecipar. Matei mesmo, só não matei fisicamente porque se não eu não ia estar cá para contar a história, então eu matei literalmente o Teco e dei lugar à *****, e assim surgiu a *****, mas surgiu com todo o trauma que o Teco viveu lá no passado, todas as frustrações... Só que eu venho-me tornando mais feminina, vejo os olhares das pessoas que até se confundem, você é mulher, você é homem, isso faz com que cresça um certo ego, dá

um certo prazer saber que você está chegando ao seu objetivo, hoje em dia estou cada vez mais segura disso por conta da minha transição que tem sido para mim um recomeço, o ponto zero de tudo, para eu não perder mais parte da minha vida como o Teco perdeu. Então deixa ***** agora ganhar o espaço dela, quem vê pensa até que eu vou buscar o caminho mais difícil por conta do preconceito, mas também tem uma questão que eu ponho aqui em causa, a ***** facilita mais porque o trabalho da *****, você sabe que eu faço trabalho sexual eu não vou te mentir, dá mais oportunidade de eu ter um futuro mais tranquilo na frente, coisa que o Teco estava buscando pelos estudos, eu estava preparando o meu futuro, eu ingressei na universidade, faltava mais por volta de 3 anos para concluir o curso e aí quando concluiu esse curso eu ia tentar uma forma de eu viver, ter segurança e mais autonomia, porque tendo um curso universitário eu tinha mais chance de ter um bom emprego. A ***** só vive exclusivamente do corpo por conta que, as pessoas perguntam se esse caminho é mais difícil, foi mas para mim tem sido de uma forma prazerosa porque a questão sexual, a questão de vender o corpo, também tem um lado positivo que é o prazer que isso proporciona, eu sinto gozo, gozo nos dois sentidos, tanto físico como gozo na perspectiva do trabalho, então eu estou muito bem assim, não me sinto culpada de nada, não tenho nenhum trauma disso, não me castigo por nada, posso até dobrar aqui a esquina e já pensar o contrário, mas agora que eu estou conversando aqui contigo eu não sinto nenhum trauma, frustração, remorso, não sinto que fiz coisa errada, eu me sinto bem, acho que estou no caminho certo, como diz Oscar Niemeyer, a vida é um sopro. A vida é um sopro, então vamos viver com tudo.

E: Como é que perspectiva o seu futuro?

M: Olha, eu vou ser muito aberta contigo, talvez se for o caso, também fazer a reversão, voltar no caso a virar homem depois de experimentar tudo isso. Eu deixo a vida seguir, se eu tiver que voltar atrás outra vez, eu viro, como eu te falei, eu não tenho nenhuma culpa do que eu estou vivendo, eu não tenho nenhum trauma, eu estou bem com o que estou fazendo. O que pode acontecer de eu tentar... Como se diz, fazer a reversão, é pelo facto de eu poder, como posso dizer, voltar.... voltar... a reversão seria como se eu fosse no caso, não digo trazer o teco de volta, ter uma certa admiração das pessoas enquanto aquilo que eu vivi, pela ousadia de eu ter experimentado de tudo, tanto ser homem quanto ter sido mulher. Fazer a reversão só vai levar isso, não vai levar, ai vou fazer a reversão porque eu não quero mais virar trans, porque é assim, é como se fosse o caso de chegar lá na frente e dizer, e agora o que é que eu vou fazer? Se estiver feliz até lá e satisfeita com o resultado, mas se tiver que continuar a fazer laser, fazer

aquilo e aquilo, são tratamentos dolorosos, dolorosos no sentido físico, então eu paro com isso, eu não me vou mais sacrificar por conta do preconceito da sociedade pois eu posso muito bem dar um basta nisso. Se um dia fizer a reversão não é pelo lado de eu achar que eu fraquejei, é pelo lado de ser mais fácil, já que eu escolhi o lado mais difícil quando fiz a transição agora. Talvez se eu tivesse feito a transição muito mais cedo, com 17, 18, 20 anos, eu não ia ter essa visão, mas eu fiz essa transição já com 39 anos, hoje já estou com 41. Se um dia, quando eu tiver uma certa idade, tiver dificuldade para me deslocar para eu ter que fazer um exame da mama ou alguma coisa assim, olha, se pode tirar tira logo a mama, sabe? Eu não vou me importar. A característica física que eu tenho hoje nunca me incomodou, é como se eu já tivesse nascido assim, é como... como se eu já tivesse nascido assim, como se eu tivesse tido isso, esse peito, como se eu já me visse como você me vê agora, então se lá para a frente se eu tiver que fazer a reversão eu faço.

E: Estava a dizer que é como se tivesse nascido da forma como se vê atualmente.

M: É, tanto que todo o mundo vem falar comigo e me dá os parabéns pelo peito e não sei o quê para todas as meninas a maior conquista delas é o peito, eu coloquei o peito, não foi uma alegria para mim ter colocado o peito, é como se eu já tivesse tido esse peito... Dá segurança? Dá. Porquê? Porque a gente pode colocar uma roupa mais abusada, a gente pode, dá um certo charme, isso sim, eu não posso negar, agora que isso foi a minha grande conquista não foi... Eu estar feminina é uma visão que eu já tenho dentro de mim, por mais que eu estivesse vestido de homem eu já me sentia mulher. Quando eu colocava uma roupa masculina por dentro eu já me sentia mulher, então essa visão que eu tenho é como se fosse uma visão vanguarda, eu já tinha no meu futuro essa visão, coisa que para mim hoje em dia é tudo normal e o que eu quero é buscar cada vez mais a feminilização, independente de se lá na frente eu queira ou não fazer a reversão.

E: Porque faria a reversão?

M: Eu faria a reversão pelas dificuldades que eu possa encontrar depois quando este corpo já estiver envelhecido entendeu? No caso, se eu tiver que bater laser, se eu tiver já com 60 anos, 60 não, vamos botar 75, eu ter que ir de moletinha para o laser, eu deixo já o laser crescer, deixo já a barba aí e não vou mais me preocupar com isso porque eu estou já pedindo que dê passagem, que eu morra no caso, tanto que eu sou completamente a favor da eutanásia, mesmo agora sou bater na esquina e eu ficar mal, que me mate logo, não espere eu ficar 5 ou 6 meses ali na cama

para dar o ar da graça. Eu sou muito aberta com essas questões mais tabu para a sociedade e eu falo da questão da reversão por esse factor, pela dificuldade que eu possa encontrar mais lá na frente... Se eu conseguir ficar assim como eu estou hoje com essa energia tudo bem, mas se eu tiver dificuldade de ir a certos sítios ou por exemplo cirurgia, chega um momento que a pele não tem mais por onde esticar, sabe ? Não é que venha uma reversão para virar homem vem como se fosse um desleixo, como se fosse deixar tudo como ficar, se tiver que tirar o peito pode tirar, isso não vai me deixar nem mais macho nem mais fêmea porque é aquilo que eu digo, eu sempre fiz escultura e admiro escultura figurativa e quanto mais realista melhor, então esse tipo de imagem para mim sempre foi algo que eu tive desde pequeno contacto que era o corpo, logo na adolescência eu já estava transando, sempre tive a maior liberdade com isso, nunca tive o menor tabu. Se fosse dissesse agora ***** fica nua e atravessa aí eu ficava nua e atravessava aí numa boa, eu sei que isso pode aferir a sociedade por ser uma coisa chamada atentado ao pudor mas para mim é muito natural, o corpo em si para mim não tem essa extrema necessidade, agora voltando atrás, lógico que eu não quero ser comparado a um homem de saia, se é para ficar mulher eu vou ficar a mulher mais feminina possível, se é para ficar um homem vou ficar um homem, se é para ficar....se é para estagnar, nem ir para a frente nem para trás, quando eu chegar à velhice, é isso, é não fazer mais nada, é não estar buscando maneira... Para já se eu não fizer uma forma de obter uma renda eu não sei como eu me vou manter, eu não sei se vou estar à mercê do estado que me vai dar uma pensão, eu não se vou adquirir mais imóveis para eu adquirir um seguro, uma fonte de renda, então eu não sei como vai ser meu futuro, vou fazer que nem Zeca Pagodinho, deixa a minha me levar vida leva eu, e assim a vida vai surgindo. Eu já fui muito mais preocupada quando eu estava a chegar aos quarenta como agora a ***** surgiu então a proposta é curtir esse momento é deixar fluir, tem agora o meu casamento, depois vem a questão de trocar de nome e assim vai, uma coisa de cada vez. Então essas coisas que vão surgindo vão dar perspectiva, vai dando gozo para aquilo que você vai vivendo...Pode chegar a uma altura que eu não sinta mais para onde ir, e agora o que é que eu vou fazer? O que eu vou fazer é viver, não vou mais buscar outra alternativa que não viver, deixar as coisas fluírem, penso eu assim, o meu futuro vai ser assim.